

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
DIRETORIA DE PESQUISAS SOCIAIS
COORDENAÇÃO GERAL DE ESTUDOS ECONÔMICOS E POPULACIONAIS
COORDENAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO**

INSTANTÂNEOS DA REALIDADE SOCIAL 3

**TRABALHO PRECÁRIO NO MEIO URBANO:
CICLISTAS-PROPAGANDISTAS, PANFLETEIROS E
VENDEDORES DE CDs E DVDs PIRATAS NO RECIFE**

RELATÓRIO DE PESQUISA

RECIFE, MAIO DE 2008

Coordenadora da Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais - CGEP

Ana Eliza Medeiros de Vasconcelos Lima

Coordenadora da Coordenação de Pesquisa de Campo - COPEC

Magda de Caldas Neto

Elaboração do Relatório de Pesquisa

Darcilene Cláudio Gomes

Renato Santos Duarte

Tratamento dos Dados

André Luis Santiago Maia

Darcilene Cláudio Gomes

Supervisão de Campo

Ivone Aquino de Medeiros

Entrevistadores de Campo

Adriana Vieira Machado

Márzia Vasconcelos Lima

Severina Maria do Nascimento

Índice

Lista de gráficos.....	4
Lista de tabelas.....	4
Introdução.....	6
1. Metodologia.....	13
1.1. Preparação do trabalho de campo.....	13
1.2. Seleção dos pontos para realização da pesquisa de campo.....	13
1.3. A amostra da pesquisa.....	13
2. Perfil sociodemográfico dos entrevistados.....	16
3. Características de trabalho e rendimento dos entrevistados.....	32
Considerações finais.....	49
Referências Bibliográficas.....	51

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Percentual de trabalhadores não contribuintes da Previdência Social, Recife - 2008.....	37
Gráfico 2 – Situações ocupacionais segundo o primeiro, anterior e o atual trabalho, Recife - 2008 (%).....	45
Gráfico 3 – Grupos de trajetórias ocupacionais selecionadas, entrevistados, Recife – 2008 (%).....	47

Lista de tabelas

Tabela 1 - Trabalhadores entrevistados, por sexo, Recife - 2008.....	16
Tabela 2 – Trabalhadores entrevistados, por faixa etária, Recife - 2008.....	17
Tabela 3 – Documentos de identificação dos entrevistados, Recife - 2008 (%).....	19
Tabela 4 - Nível de alfabetização dos entrevistados, Recife - 2008.....	20
Tabela 5 - Trabalhadores entrevistados que ainda estudam, Recife.....	21
Tabela 6 - Escolaridade dos entrevistados, Recife - 2008.....	21
Tabela 7 – Espécie de moradia dos entrevistados, Recife - 2008.....	23
Tabela 8 - Tipos de domicílio dos entrevistados, Recife - 2008.....	23
Tabela 9 - Material predominante na construção das moradias dos entrevistados, Recife - 2008.....	23
Tabela 10 - Número de cômodos no domicílio dos entrevistados, Recife - 2008.....	24
Tabela 11 - Número de cômodos que servem de dormitórios nos domicílios dos entrevistados, Recife - 2008.....	24
Tabela 12 - Condição legal da residência dos entrevistados, Recife - 2008.....	25
Tabela 13 - Valor do aluguel pago pelos entrevistados, Recife - 2008.....	25
Tabela 14 - Características físicas e acesso a serviços públicos dos domicílios dos entrevistados, Recife - 2008.....	26
Tabela 15 - Bens existentes no domicílio dos entrevistados, Recife - 2008.....	28
Tabela 16 – Número de pessoas que vivem no domicílio dos entrevistados, Recife - 2008.....	30
Tabela 17 - Valores mensais recebidos pela família dos entrevistados de programas governamentais, Recife - 2008.....	30
Tabela 18 - Renda dos domicílios dos entrevistados, Recife - 2008.....	31
Tabela 19 - Número de trabalhos declarados pelos entrevistados, Recife - 2008.....	34
Tabela 20 – Tempo de permanência no trabalho atual dos entrevistados, Recife - 2008.....	35
Tabela 21 - Rendimento no mês de referência, em salários mínimos, Recife - 2008.....	36
Tabela 22 - Entrevistados distribuídos por posição na ocupação, Recife - 2008.....	36
Tabela 23 – Entrevistados segundo os motivos para não contribuição a Previdência Social, Recife - 2008.....	38
Tabela 24 – Número de dias que os entrevistados trabalham por semana, Recife - 2008.....	39

Tabela 25 – Número de horas por dia que os entrevistados dedicam ao trabalho, Recife-2008.....	40
Tabela 26 – Jornada de trabalho semanal dos entrevistados, Recife - 2008.....	40
Tabela 27 – Mecanismo mais utilizado pelos entrevistados para obtenção da ocupação atual, Recife - 2008.....	40
Tabela 28 – Entrevistados por cadastramento em agência de emprego, Recife - 2008...41	41
Tabela 29 – Deixaria esse trabalho por um emprego com carteira assinada e remunerado com um salário mínimo?.....	42
Tabela 30 – Entrevistados por experiência de trabalho anterior, Recife - 2008.....	42
Tabela 31 – Entrevistados por posição na ocupação no trabalho anterior, Recife - 2008.....	43
Tabela 32 – Entrevistados por acesso ao seguro-desemprego, Recife - 2008.....	44

Introdução

Segundo o Novo Dicionário Aurélio, a palavra mascate significa “mercador, ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias etc.; alcunha depreciativa dada outrora aos portugueses do Recife pelos brasileiros que habitavam Olinda, e da qual veio o nome dado à Guerra dos Mascates, começada em 1710, em Pernambuco, entre as duas facções”. Na década de 1990, durante o segundo mandato (1993-1997) do então prefeito Jarbas Vasconcelos, foi construída no bairro de São José, centro do Recife, uma ampla estrutura de concreto destinada à realocação dos vendedores ambulantes que se distribuíam desorganizadamente pelas ruas centrais da cidade. Essa estrutura recebeu a denominação oficial de “*Calçada dos Mascates*”, mas a população imediatamente a rebatizou de “*camelódromo*”, denominação essa pela qual é conhecida ainda hoje.

As referências acima servem para mostrar como, desde o surgimento do Recife como aglomerado, os mascates tiveram um papel especial no seu cotidiano, a ponto de muitas vezes ela ser chamada de “*cidade dos mascates*”. A existência de mercados ambulantes não foi exclusividade do Recife, mas também de outros núcleos urbanos do Brasil, desde o período colonial. No entanto, tem sido a forte presença do comércio ambulante que tem marcado a paisagem urbana das ruas centrais da cidade, a ponto de, como foi mencionado, a palavra mascate ser recorrente nas referências ao dia-a-dia da capital pernambucana.

Essa peculiaridade do Recife se deve a uma conjunção de fatores – que, naturalmente, transcendem a herança histórica – que levam milhares de pessoas a se dedicar ao comércio ambulante. Primeiramente, a cidade passou por um processo de desindustrialização, que, tendo se iniciado na chamada fase de *articulação comercial inter-regional*, na década de 1960, (Guimarães Neto, 1989), que substituiu a situação anterior, que sugestivamente era denominada por alguns autores de *arquipélago regional brasileiro*. A integração proporcionou a entrada, com mais facilidade, de produtos industrializados originários da região Sudeste (idem), provocando a redução drástica no número de empregos na indústria do

município e da região metropolitana do Recife. As tradicionais fábricas de tecidos, os ramos das indústrias mecânica e metalúrgica, que antes absorviam expressivos contingentes de trabalhadores, fecharam ou foram realocizadas. O Recife deixou, portanto, de ser um centro gerador de empregos industriais. Outro aspecto a considerar diz respeito ao papel histórico do Recife como lugar de destino de migrantes. A localização da cidade e o seu tamanho demográfico fizeram dela o destino final – ou lugar de passagem e eventual ponto de parada definitiva – de migrantes provenientes das porções setentrional e ocidental do Nordeste brasileiro. A chegada continuada de imigrantes – no mais das vezes de baixa escolaridade e carentes de recursos materiais – contribuiu para ampliar os batalhões de trabalhadores informais, em especial dos vendedores ambulantes, que se valem da elevada permeabilidade que essa atividade oferece para a entrada de pessoas carentes de especialização profissional ou de recursos financeiros (Duarte, 1979).

O percentual de famílias pobres na Região Metropolitana do Recife é elevado mesmo para os padrões brasileiros. Dados recentes divulgados pelo IBGE comprovam isso. De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego, o rendimento médio real do trabalhador da Região Metropolitana de Recife foi de R\$837,00 no mês de fevereiro de 2008. Esse valor correspondia a apenas 2,2 salários mínimos e correspondia a 70,3% do valor médio das seis regiões metropolitanas estudadas (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife). Ainda de acordo com a PME, somente 38,7% dos trabalhadores da RMR tinham emprego formal e 25,7% estavam empregados no comércio, obtendo remuneração média de R\$596,49, ou seja, 1,57 salário mínimo (IBGE, 2008). Grande contingente de pessoas pobres significa que o mercado de bens e serviços baratos também é extenso. Em outras palavras, existe um mercado consumidor que pode ser suprido através de canais e mecanismos informais. Assim, a demanda e a oferta de bens e serviços de baixo valor comercial se encontram através de uma grande diversidade de produtos e serviços e de formas variadas de comercialização. A heterogeneidade verificada no interior do setor informal tem sido amplamente analisada por estudiosos brasileiros e não-brasileiros (Duarte, 1989). No Recife – como, de resto, acontece nas cidades onde o tamanho do setor informal alcança grande proporção do setor produtivo, seja no volume de produção, seja na quantidade de pessoas ocupadas, seja ainda no valor da renda gerada –, as

atividades terciárias informais têm, historicamente, tido um papel importante como meios de sobrevivência de grandes contingentes da população. O comércio informal e a prestação de serviços variados têm sido destaque, há séculos, nos estudos científicos, nas crônicas diárias e até mesmo nos registros iconográficos do cotidiano recifense. Até o início da década de 1960, havia uma espécie de divisão territorial das atividades informais, cujo núcleo mais importante estava localizado no bairro de São José, dentro e no entorno do mercado público do mesmo nome. Secundariamente, funcionava, na zona norte da cidade, no bairro de Casa Amarela, outro pólo concentrador de atividades informais, que gravitavam em torno do mercado público que também tem o nome do bairro. A extensão territorial do Recife favorece o surgimento de outros núcleos concentradores de atividades informais, que, embora não tivessem a movimentação nem apresentassem a diversidade de bens e serviços encontrados nos dois pólos acima mencionados, atendiam as demandas dos habitantes dos bairros onde se localizavam e das áreas adjacentes. Cabe aqui a menção de alguns desses mercados públicos: da Encruzilhada, de Afogados, da Madalena, de Santo Amaro, de Boa Viagem, da Boa Vista.

Porém, à medida que a população da cidade (e da Região Metropolitana) crescia, aumentava mais ainda o contingente de pessoas que se encontravam à margem da chamada economia formal, como, aliás, ocorria nas grandes cidades brasileiras. A única alternativa de sobrevivência que se apresentava às milhares de pessoas carentes de capacitação profissional e dos níveis de escolaridade requeridos pelas empresas formais era o engajamento em alguma atividade informal. Dentre as opções que se apresentavam para as pessoas com o perfil acima apontado, o comércio de rua era o mais fácil. Como a Organização Internacional do Trabalho (OIT) havia descrito desde o começo dos anos 1970, o livre acesso (inexistência de obstáculos à entrada), os baixos requisitos (ou nenhum, no caso de prestação de serviço para terceiros) de investimento de capital, a utilização de tecnologia de domínio público, a dispensa de escolaridade e de capacitação profissional (OIT, 1972) favoreciam a entrada das pessoas desempregadas no comércio informal. Outras atividades típicas do terciário informal, como os serviços e o transporte de mercadorias, eram (e são) menos permeáveis à entrada de novos trabalhadores, porque apresentam requisitos que muitos candidatos não

podem atender. No caso dos serviços, a experiência ocupacional e os instrumentos de trabalho; no dos transportes de mercadorias, os veículos, por mais simples que sejam.

À medida que a população do Recife e da Região Metropolitana crescia (e o emprego industrial diminuía), aumentava a pressão da oferta de mão-de-obra sobre a quantidade de vagas no mercado formal de trabalho. De modo especial, as ruas centrais da capital pernambucana foram sendo tomadas por vendedores ambulantes, em sua maioria, e por pessoas dedicadas a outras atividades, a exemplo dos “flanelinhas”, dos carroceiros, dos prestadores de pequenos serviços etc. Essa invasão de trabalhadores informais desencadeou um processo de degradação do centro da cidade à qual se somaram outros fatores, como a falta de locais para estacionamento de veículos e a expansão imobiliária no bairro de Boa Viagem. Simultaneamente ao crescimento descontrolado das atividades informais no centro do Recife, começou o processo de transferência de organizações formais (lojas, magazines, escritórios de profissionais liberais, agências de viagens, livrarias, cinemas, restaurantes, lanchonetes) para Boa Viagem. Pouco a pouco, outros bairros residenciais ditos “nobres” da cidade, como Casa Forte, Parnamirim e Espinheiro, passaram a ter os imóveis residenciais transformados em lojas, butikues, consultórios médicos etc. Na década de 1980, surgiram nesses bairros galerias comerciais onde se concentravam várias dessas atividades.

O afastamento dos consumidores de renda média e alta do centro da cidade tornou irreversível o destino dessa área da cidade. Os trabalhadores informais foram tomando conta das calçadas, das praças e até do leito das ruas. Essa situação de ocupação desordenada definiu também o perfil dos potenciais consumidores das mercadorias e dos usuários dos serviços oferecidos: as pessoas de baixa renda. De algum modo, todas as administrações municipais das duas últimas décadas tentaram, sem sucesso, impor algum tipo de ordenamento às atividades informais no centro da cidade. Do confisco de mercadorias, chamado *rapa*, à construção do *camelódromo*, todas as tentativas fracassaram. A propósito do camelódromo, é sugestivo que os dois módulos localizados na parte final da Avenida Dantas Barreto, mais distantes da área mais central e, sobretudo, onde há poucas paradas de ônibus, estejam tendo a função para que foram criados. O último módulo funciona como terminal improvisado de ônibus interurbanos que ligam o centro da

cidade a vários municípios do Grande Recife. Sendo pequeno o fluxo de pessoas ali, não existe atrativo para os vendedores ambulantes. O centro do Recife transformou-se, assim, em um grande mercado a céu aberto.

Sobrevivem ainda estabelecimentos que comercializam produtos de consumo popular, como roupas, calçados, eletrodomésticos, medicamentos (farmácias) e restaurantes de comida rápida. Os estabelecimentos comerciais que permanecem nas ruas centrais tiveram que se adaptar ao perfil dos consumidores, seja em relação à qualidade e aos preços das mercadorias oferecidas, seja no tocante aos mecanismos de comercialização. Muitas delas apelam para as mesmas estratégias utilizadas pelos ambulantes, convidando os passantes, mediante o uso de alto-falantes, a visitarem o seu interior. Outros comerciantes, conscientes da concorrência privilegiada dos vendedores ambulantes, que não pagam impostos, decidiram ampliar seus espaços, expondo as mercadorias nas calçadas das suas lojas. O surgimento de seis *shopping centers* (Recife, Guararapes, Tacaruna, Boa Vista, Plaza e Paço Alfândega) e de vários hipermercados estrategicamente localizados no município e na Região Metropolitana consolidou a tendência de transformação do centro do Recife em domínio de atividades informais, especialmente do comércio de rua.

É sintomático, a propósito, que sucessivas administrações municipais vêm ignorando os apelos de pessoas, grupos e associações culturais e de classe, para a restauração e revitalização do centro do Recife. Aparentemente, os prefeitos têm consciência de que o problema é irreversível. Essa situação de irreversibilidade se à característica de “estratégias de sobrevivência” de que se revestem as atividades de comércio ambulante. Na luta diária para vender suas mercadorias, os ambulantes conseguem, com o passar do tempo, tornar inócuas as políticas oficiais de ordenamento e regulação eventualmente criadas. No Recife, outra “frente de batalha” tem ocorrido na praia de Boa Viagem – chamada de cartão postal da cidade – com êxito parcial das autoridades municipais. No caso de Boa Viagem, os resultados da política de ordenamento do comércio ambulante encontram explicação, no lado da oferta, no número bem menor de ambulantes, comparativamente aos que atuam no centro da cidade; do lado da demanda, nos perfis dos freqüentadores daquela praia; da parte dos gestores municipais, a fiscalização é mais fácil na orla marítima do que nas ruas, praças e travessas do

centro da cidade. Diante da superlotação das áreas centrais da cidade, alguns trabalhadores informais foram procurando espaço em determinadas áreas de bairros residenciais. Os semáforos nos cruzamentos de ruas e avenidas movimentadas e os pontos de parada de ônibus tornaram-se pontos privilegiados de comercialização de diversos tipos de mercadoria (Araújo, 2007). As proximidades de prédios de grande fluxo de pessoas, como hospitais e agências bancárias, por exemplo, foram ocupadas por vendedores ambulantes.

Pela sua natureza, as atividades informais de prestação de serviço tendem a se localizar de maneira menos concentrada do que o comércio, visto que a maioria funciona em algum imóvel, por precário que seja. Por isso – e também pela dificuldade prática de funcionar na zona central da cidade –, muito dos prestadores de serviço trabalham em áreas periféricas da cidade. Mecânicos, marceneiros, reparadores em geral, pedreiros, eletricitistas, encanadores etc. etc., muitas vezes, realizam as suas atividades na própria residência (ou na do cliente dependendo do caso), em imóveis contíguos, ou localizados nas vizinhanças. A sistemática de interação entre demandantes e prestadores dos serviços é, naturalmente, distinta daquela do comércio de rua.

A heterogeneidade observada no âmbito do setor informal é, como foi mencionado anteriormente, bastante grande. Em muitos casos, não é tão palpável a percepção da localização de limites. Pode ocorrer que, sob qualquer aspecto que se queira considerar – tecnologia, nível de faturamento, número de empregados, por exemplo – torna-se difícil precisar se uma determinada atividade seria melhor classificada como informal ou formal. Da mesma maneira, em muitos casos, a interdependência entre atividades informais e formais – estas fornecendo àquelas os equipamentos, os materiais de trabalho e os insumos –, é tal, que se torna necessário um esforço para delimitar o papel de cada uma.

Embora não padeça dúvida de que as três atividades objeto desta pesquisa – venda de CDs e DVDs piratas, distribuição de folhetos e bicicleta de propaganda sonora – sejam *tipicamente* informais, elas espelham a heterogeneidade do amplo universo da informalidade. Enquanto a venda de CDs e DVDs piratas é claramente comércio informal – não obstante a moderna tecnologia de produção dos originais e da sua reprodução de maneira ilegal –, a distribuição de folhetos e a propaganda sonora em bicicleta situam-se a meio caminho entre a prestação de serviços

voltados para a divulgação de alguma mercadoria ou de algum empreendimento comercial, imobiliário etc. No caso dessas três atividades, os vendedores ou anunciantes vão em busca dos potenciais clientes.

Esse relatório está dividido em três itens, além dessa introdução e das considerações finais. O primeiro deles explicita a metodologia utilizada para realização da pesquisa de campo. O segundo apresenta o perfil sociodemográfico dos entrevistados. E, por último, o terceiro item descreve e analisa as condições de trabalho e rendimento dos trabalhadores pesquisados.

1. Metodologia

1.1. Preparação do trabalho de campo

Empregou-se na pesquisa ora apresentada metodologia semelhante à utilizada na investigação sobre os trabalhadores dos semáforos. Em primeiro lugar, observou-se o cotidiano dos ciclistas, panfleteiros e vendedores de CDs e DVDs piratas com intuito de colher subsídios visando a confecção do questionário, bem como a elaboração de estratégias de abordagem dos entrevistados.

Os questionários foram estruturados de forma a colher informações sobre os seguintes aspectos relacionados com as ocupações estudadas: identificação pessoal; escolarização; características de moradia e características de trabalho e rendimento. Esta última se subdividia em três outras: características do trabalho atual; do trabalho anterior e do primeiro trabalho.

Após a elaboração e realização do pré-teste do questionário, algumas modificações julgadas pertinentes foram efetuadas. Em seguida, procedeu-se ao treinamento de três entrevistadores selecionados pela experiência com esse tipo de trabalho de campo.

1.2. Seleção dos pontos para realização da pesquisa de campo

A primeira etapa realizada pela equipe de coordenação foi o reconhecimento de ruas e avenidas de maior movimento de veículos, mercados municipais e praças onde era identificada a presença desses trabalhadores. Esses locais serviram como ponto inicial da seleção da amostra, como será detalhado adiante.

1.3. A amostra da pesquisa

Para investigar os grupos de ocupação definidos pela pesquisa será utilizado um método de amostragem não-aleatória denominado *snowball*. O uso da amostragem não-aleatória é recomendado quando os elementos da população estudada não são totalmente conhecidos, não se distinguindo, dessa forma, a probabilidade de

determinado elemento ser selecionado. A *snowball* é proveitosa para estudar populações de dimensões reduzidas, muitas vezes não acessíveis e com características específicas – que é o caso da pesquisa em questão. Nessa técnica, o investigador seleciona um indivíduo ou um conjunto de indivíduos com as características desejadas para a inclusão em seu estudo, e, em seguida, solicita indicação de outros indivíduos com as mesmas características. O processo de indicação é repetido de forma sucessiva até que seja obtido o número de entrevistas almejado.

Muitos estudos na área de ciências da saúde e ciências sociais aplicadas, em que há circunstâncias onde não é praticável realizar a amostragem aleatória, têm utilizado a técnica *snowball* e obtido resultados satisfatórios.

Nesta pesquisa, inicialmente, algumas localidades do município de Recife foram identificados como pontos iniciais das *snowballs*. Em seguida, o primeiro indivíduo encontrado (com as características desejadas no estudo) em cada um dos locais determinados é entrevistado, solicita-se, então, que este indique outro com características semelhantes a sua. O processo da coleta das informações foi planejado para se encerrar quando a soma dos indivíduos entrevistados nas *snowballs* totalizasse 300 indivíduos, mas esse número foi ultrapassado sem prejuízo para o resultado final da pesquisa. A determinação deste número de entrevistas realizadas, nesse sentido, não obedece a critérios semelhantes àqueles despendidos em estudos que utilizam amostragem aleatória, sendo então definida de acordo com a disponibilidade de recursos e do tempo a ser empregado nos trabalhos de campo – adequando-se, dessa forma, aos propósitos dos “Instantâneos da Realidade Social”.

Os trabalhos de campo se estenderam por pouco mais de dois meses no ano de 2008. Os questionários foram aplicados no período de 07 de janeiro a 09 de março. Em janeiro, foram aplicados 185 questionários (49,1% do total) e, em fevereiro, 192 (50,9%). Foram entrevistados 39 ciclistas, 135 panfleteiros e 204 vendedores de CDs e DVDs piratas. Os bairros nos quais foram realizadas o maior número de entrevistas são os que seguem: Casa Amarela (10,3%), Afogados (7,4%), Centro (6,3%), Boa Viagem (5,8%), São José (5,6%), Iputinga (5%), Boa Vista (4,2%) e Encruzilhada (4,2%).

O trabalho de campo foi realizado pela Coordenação de Pesquisa de Campo (Copec), da Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais da Fundação

Joaquim Nabuco (Fundaj). Para a viabilização da pesquisa foram utilizados recursos do Tesouro Nacional.

2. Perfil sociodemográfico dos entrevistados

Uma característica das atividades informais realizadas nas ruas do Recife é de que nelas predominam pessoas do sexo masculino. Algumas atividades se ajustam melhor ao biótipo e à psique masculina, visto que a força física e a disposição para lutar pelos espaços considerados cativos são fundamentais. Carroceiros, flanelinhas e vendedores de determinadas mercadorias são alguns exemplos de atividades, que se enquadram no perfil masculino. Por outro lado, a venda de alimentos – principalmente aqueles preparados em casa ou no local de venda, de miudezas ou de adereços femininos, geralmente são realizados por mulheres.

A Tabela 1 mostra que o uso bicicleta para a divulgação de material publicitário, apareceu, na amostra da pesquisa, como sendo predominante masculina. A observação da realidade de local ajuda a explicar esse fenômeno, porque, sendo a bicicleta um meio de transporte cada vez mais freqüente a entre os trabalhadores de baixa renda, trata-se de uma prática quase que exclusivamente masculina. Pode-se levantar pelo menos três hipóteses para esse fenômeno: a) as longas distâncias percorridas entre os locais de trabalho e as moradias nas periferias onde residem pessoas essas requerem grande esforço físico; b) o risco de atropelamento por parte dos veículos motorizados (dada a inexistência de ciclovias exige destemor por parte do ciclista); c) A vulnerabilidade a assaltos e à perda das bicicletas desestimula as mulheres a usarem esse tipo de veículo.

Tabela 1 - Trabalhadores entrevistados, por sexo, Recife - 2008

Sexo	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
masculino	39	100	43	31,9	198	97,1	280	74,1
feminino			92	68,1	6	2,9	98	25,9
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

A distribuição de panfletos nas ruas mostra uma predominância de mulheres no exercício da atividade (68,1% contra 31,9% de homens). Aqui, a explicação talvez esteja no fato de se tratar de uma atividade que não requer muito esforço físico e também de que as mulheres sejam fisicamente mais atraentes e, principalmente, que não causem temor ou suspeita ao abordarem os transeuntes quanto os homens. De todo

modo, a observação nas ruas e esquinas do Recife mostra que os homens também são recrutados para a tarefa de distribuição de panfletos, como, aliás, a pesquisa constatou.

A venda de CDs e DVDs piratas também é uma atividade quase exclusivamente masculina, a julgar pelos dados contidos na Tabela 1 (97,1% dos informantes). A natureza dessa atividade também explica a predominância de homens. O fato de se tratar de mercadorias de venda ilegal deixa esse tipo de comércio sob permanente tensão devido à iminência de confisco por parte dos agentes de combate à pirataria. Em outras palavras, os vendedores devem ter, entre outros atributos, agilidade para perceber a aproximação dos policiais e escapar ao cerco com as mercadorias. Em embate como esse, mulheres vendedoras certamente estariam de desvantagem, visto que os agentes da repressão à pirataria geralmente são do sexo masculino.

Como se vê na Tabela 2, do total de trabalhadores entrevistados pela pesquisa, 43,9% tinha idade entre 18 e 24 anos, ou seja, eram pessoas jovens. A atividade de entrega de panfletos é a que congrega o maior percentual de entrevistados situados na faixa etária de 18 a 24 anos. Pelas razões acima apontadas, pessoas jovens parecem mais indicadas para a realização desse tipo de atividade. Considerando o total das atividades estudadas nesta pesquisa, a maioria (88,8%) tem idade entre 18 e 39 anos. A idade média dos 378 trabalhadores entrevistados (26 anos) situa-os em uma situação intermediária, o que, aliás, se mostra compatível com as tarefas que executam, porquanto não requerem muitos anos de experiência profissional.

Tabela 2 – Trabalhadores entrevistados, por faixa etária, Recife - 2008

Faixa etária (anos)	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
10 a 17	3	7,7	7	5,2	29	14,2	39	10,3
18 a 24	11	28,2	71	52,6	84	41,2	166	43,9
25 a 39	15	38,5	46	34,1	71	34,8	132	34,9
40 a 49	9	23,1	10	7,4	14	6,9	33	8,7
50 a 59			1	0,7	4	2	5	1,3
mais de 60	1	2,6			2	1	3	0,8
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

Analisada a questão a partir de uma perspectiva inversa, observa-se que o percentual de 54,2 % de entrevistados (ver Tabela 2) que tem idade inferior a 25 anos é coerente com as condições gerais do setor informal de trabalho na cidade do Recife no tocante ao perfil sociodemográfico dos trabalhadores e às condições de acesso

praticamente sem limites para quem aceitar as condições adversas impostas por esse mercado. Do lado da oferta de mão-de-obra, jovens pobres e com baixa escolaridade, habitantes de uma cidade onde a taxa de desocupação era, na época da pesquisa de campo, de 12,2%¹, raramente encontram alternativas ocupacionais fora do setor informal. Por isso, a maioria deles inicia a sua vida ocupacional em atividades precárias no sentido amplo da palavra.

A posse de documentos de identificação pessoal e profissional significa não somente uma credencial para a vida do cidadão (ã), como também um requisito para o exercício de muitas atividades profissionais. Alguns deles são, portanto, o primeiro passo para a materialização de intenção de iniciar uma atividade econômica ou de se candidatar a qualquer trabalho.

A observação dos dados apresentados na Tabela 3 revela, de pronto, um percentual relativamente alto (15,7%) de vendedores de CDs e DVDs piratas que não possuem certidão de nascimento. Esse percentual é alto, principalmente pelo valor absoluto (32 informantes, nessa situação), como também por se mostrar distante de outra pesquisa realizada nas ruas do Recife no ano de 2005, em que 2,4% dos trabalhadores entrevistados não possuíam certidão de nascimento (Araújo, 2007). Situação semelhante se verifica relativamente à posse de carteira de identidade (RG), em que, mais uma vez, o percentual de vendedores de CDs e DVDs entrevistados, que não possuem o documento, é relativamente elevado: 19,6%. A esta altura, pode ser útil comparar esses percentuais com aqueles apresentados na Tabela 2. Nessa tabela, está demonstrado que o percentual de vendedores com idade inferior a 18 anos é maior do que entre os informantes que fazem propaganda em bicicletas ou os distribuidores de panfletos. De todo modo, se for compreensível, até culturalmente, que adolescentes não tenham percebido a necessidade de possuir carteira de identidade, não é compreensível que um percentual deles passe a infância e a adolescência sem ter a sua certidão de nascimento, ou seja, sem poder comprovar que existe como cidadão(ã).

Dois fenômenos podem ser mencionados como possíveis explicações para isso. Primeiramente, seria o lugar de nascimento do trabalhador entrevistado: tratando-se de pessoas nascidas em zonas rurais, a possibilidade de os pais não terem feito o registro de nascimento em cartório, é alto, dadas as dificuldades com que têm moradores das zonas rurais para exercer o direito legal de registrar os filhos, mesmo gratuitamente, nos

¹ Dados da Pesquisa Mensal de Emprego.

cartórios. Em segundo lugar, pesquisas realizadas em áreas urbanas têm revelado que vem crescendo o número de crianças que são criadas somente pela mãe, situação essa pode servir de desestímulo ao registro de nascimento dos filhos (Duarte, 2006)².

Tabela 3 – Documentos de identificação dos entrevistados, Recife - 2008 (%)

Documentos de que dispõem		Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
documento-certidão de nascimento	não	4	10,3	2	1,5	32	15,7	38	10,1
	sim	35	89,7	133	98,5	172	84,3	340	89,9
Total		39	100	135	100	204	100	378	100
documento-RG	não	4	10,3	2	1,5	40	19,6	46	12,2
	sim	35	89,7	133	98,5	164	80,4	332	87,8
Total		39	100	135	100	204	100	378	100
documento-CPF	não	8	20,5	4	3	60	29,4	72	19
	sim	31	79,5	131	97	144	70,6	306	81
Total		39	100	135	100	204	100	378	100
documento-carteira de trabalho	não	8	20,5	8	5,9	74	36,3	90	23,8
	sim	31	79,5	127	94,1	130	63,7	288	76,2
Total		39	100	135	100	204	100	378	100
documento-carteira de motorista	não	39	100	135	100	195	95,6	369	97,6
	sim					9	4,4	9	2,4
Total		39	100	135	100	204	100	378	100
documento-título de eleitor	não	8	20,5	8	5,9	73	35,8	89	23,5
	sim	31	79,5	127	94,1	131	64,2	289	76,5
Total		39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Com relação à posse de carteira de identidade (RG), a situação dos informantes distribuídos nas três atividades informais estudadas é semelhante à posse de registro de nascimento; ou seja, o percentual (19,6%) dos vendedores de CDs e DVDS piratas que não possuem RG é superior aos 10,3% dos que fazem uso de bicicleta para divulgação publicitária. No caso destes, assim como dos distribuidores de panfletos, o fato de serem pessoas contratadas por terceiros, a posse de documento de identidade deve ser um requisito exigido, mesmo se tratando de acordos verbais entre contratante e contratado.

A situações dos trabalhadores entrevistados no tocante à posse do documento do Cadastro das Pessoas Físicas (CPF) do Ministério da Fazenda e à Carteira de Trabalho, segue padrão semelhante à posse dos documentos anteriormente mencionadas. Os vendedores de CDs e DVDs piratas são os aparecem com maiores percentuais entre os que não possuem esses documentos (29,4 % não têm CPF e 36,6% não dispõem de

² Pesquisa realizada pela Fundação Joaquim Nabuco entre alunos de escolas públicas do Recife em 2005 constatou que 41% dos estudantes entrevistados moravam somente com a mãe (ver Duarte, 2006).

carteira do trabalho), e os entregadores de panfletos são os que mais contam com esses documentos. Também em relação a essa questão, os ciclistas que fazem propaganda situam-se em posição intermediária relativamente às outras duas atividades pesquisadas.

A grande maioria dos trabalhadores entrevistados não possui carteira de motorista. Não se trata de informação surpreendente, tratando-se de trabalhadores informais, para os quais a posse desse documento não é fácil, dados as dificuldades – necessidade de treinamento, custos burocráticos – para a obtenção documento. A maioria dos informantes têm o título de eleitor, situação essa mais presente entre os entregadores de panfletos, em que 94,1% possuem esse documento, o que vem reforçar a constatação de que as pessoas entrevistadas têm uma situação diferenciada nesse aspecto do exercício da cidadania³.

A procedência geográfica dos trabalhadores entrevistados é útil para se averiguar a questão migratória no contexto da pesquisa. No caso desta investigação, porém, a grande concentração de informantes nascidos em três municípios germinados – Recife, Jaboatão dos Guararapes e Olinda – dispensa a apresentação de uma tabela. Pode-se informar que 263 (69,6%) informantes nasceram no Recife, 22 (5,8%) em Jaboatão dos Guararapes e 15 (4,0%) em Olinda. O restante, na maioria uma, duas ou três pessoas nasceram em outras municípios de Pernambuco, de outros estados nordestinos, ou da região Sudeste. Essa situação se refere tanto ao total de trabalhadores entrevistados quanto ao desdobramento pelas três atividades informais estudadas pela pesquisa.

Os dados apresentados nas Tabelas 4 e 5 são bastante positivos, pois revelam percentuais elevados de informantes que sabem ler e escrever, superiores àqueles encontrados em pesquisas semelhantes, à exemplo da mencionada pesquisa sobre vendedores ambulantes no semáforos do Recife.

Tabela 4 - Nível de alfabetização dos entrevistados, Recife - 2008

	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sabe ler e escrever								
sim	38	97,4	135	100	200	98	373	98,7
não	1	2,6			4	2	5	1,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

³ Embora sejam observadas pequenas diferenças ao se compararem essas informações com aquelas apresentadas no relatório da pesquisa sobre os vendedores ambulantes nos semáforos do Recife (Araújo, 2007), pode-se afirmar que as situações são comparáveis relativamente à posse de documentos de identificação pessoal.

A Tabela 5 mostra que, mesmo sabendo ler e escrever, são expressivos os percentuais de trabalhadores que freqüentam a escola. O percentual dos que continuam estudando é um pouco mais elevado (39,3%) entre os panfleteiros, mas digno de registro, também, entre as outras duas atividades estudadas na pesquisa.

Tabela 5 - Trabalhadores entrevistados que ainda estudam, Recife

Freqüentam a escola	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
sim	11	28,2	53	39,3	63	30,9	127	33,6
não	28	71,8	81	60	141	69,1	250	66,1
ns/nd			1	0,7			1	0,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

Da mesma maneira, o nível de escolaridade dos informantes (Tabela 6), embora esteja longe do ideal para o exercício satisfatório de uma profissão e da cidadania, mostra-se mais satisfatório do que aqueles encontrados em outras pesquisas realizadas no Recife, inclusive a pesquisa ocorrida nos semáforos do Recife em 2005. A comparação entre a Tabela 6 desta pesquisa com a Tabela 6⁴ daquela pesquisa mostra um panorama mais alentador, agora, no tocante ao quesito escolaridade.

Tabela 6 - Escolaridade dos entrevistados, Recife - 2008

Nível de escolaridade	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
analfabeto	1	2,6			3	1,5	4	1,1
alfabetizado	1	2,6			3	1,5	4	1,1
fundamental incompleto	20	51,3	28	20,7	114	55,9	162	42,9
fundamental completo	3	7,7	14	10,4	27	13,2	44	11,6
médio incompleto	5	12,8	38	28,1	37	18,1	80	21,2
médio completo	9	23,1	53	39,3	18	8,8	80	21,2
superior incompleto			2	1,5	2	1	4	1,1
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

Da mesma maneira, esta pesquisa identificou percentuais maiores de informantes que freqüentaram cursos de capacitação profissional nos últimos anos. Entre os entrevistados que responderam a pergunta sobre freqüência em cursos de capacitação, mais da metade (58,5%) respondeu que não havia obtido treinamento profissional especializado. Embora esse percentual não seja elevado, ele é, claramente,

⁴ Araújo (2007, p. 40).

mais satisfatório do que os 83% dos vendedores nos semáforos do Recife que afirmaram nunca ter freqüentado curso de qualificação profissional⁵. Mais uma vez, nesse caso, a situação dos distribuidores de panfletos se mostra mais satisfatória do que a das outras duas categorias de entrevistados, visto que 60,0% deles afirmaram já ter freqüentado curso de capacitação profissional. Do total de entrevistados que haviam freqüentado curso de capacitação, quase 30% tinham obtido dois tipos de treinamento profissional, o que revela um esforço no sentido de se preparar para o mercado de trabalho. Também aqui, os panfletos revelam certa diferenciação relativamente às outras duas categorias ocupacionais estudadas pela pesquisa.

As condições de moradia – localização, número de cômodos, qualidade da construção, condição de posse e uso do imóvel – constituem um bom indicador das condições de vida de uma família. Trata-se de um indicador de fácil visibilidade e avaliação técnica. A propósito da localização das moradias dos trabalhadores informais entrevistados, observou-se uma grande dispersão territorial, como, aliás, era de esperar. Devido a essa dispersão, este documento deixa de reproduzir a listagem dos bairros e cidades da Região Metropolitana do Recife (RMR), optando, em vista disso, por mencionar as áreas que abrigam maiores contingentes de trabalhadores entrevistados. De acordo com a pesquisa de campo, 77,8% dos informantes residem no Recife, 9% em Jaboatão dos Guararapes e 8% em Olinda. Quanto às áreas de residência dos informantes dentro desses municípios, constata-se, sem surpresa, que elas se distribuem pelos vários espaços da periferia da RMR. Observando o mapa da RMR, observa-se que as moradias dos entrevistados distribuem-se quase que em formato de um círculo periférico, mas também na zona central do município do Recife. Seguem os nomes das áreas (e o percentual de informantes) onde se concentram os maiores números de residências, todos no município do Recife: Casa Amarela (9,0%), Afogados (6,9%), Água Fria (6,1%), Santo Amaro (5,3%), Nova Descoberta (4,5%), Iputinga (2,9%), Dois Unidos(2,6%), Coelho (2,6%), Mustardinha (2,6%), Torrões(2,4%), Estância (2,4%), São José (2,1%).

As Tabelas 7 a 11 contêm informações sobre as características dos domicílios dos entrevistados. Como era de esperar, a maioria dos informantes reside em imóveis individuais, como é a tradição brasileira, mesmo nas áreas mais pobres (Tabela 7). Da mesma maneira, há uma predominância quase absoluta de entrevistados, que moram em

⁵ Idem, p. 41.

casa, sendo que apenas cinco do total de informantes residem em casa e quatro moram em apartamento (Tabela 8).

Tabela 7 – Espécie de moradia dos entrevistados, Recife - 2008

Espécie de moradia	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
individual	36	92,3	130	96,3	200	98	366	96,8
coletivo			2	1,5			2	0,5
misto (residencial e comércio)	3	7,7	3	2,2	3	1,5	9	2,4
misto (coletivo e comercial)					1	0,5	1	0,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

Tabela 8 - Tipos de domicílio dos entrevistados, Recife - 2008

tipo de domicílio	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
casa	38	97,4	132	97,8	199	97,5	369	97,6
apartamento	1	2,6	2	1,5	1	0,5	4	1,1
quarto			1	0,7	4	2	5	1,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

O material predominante na confecção das moradias dos trabalhadores entrevistados é alvenaria com reboco (87,6% dos 378 informantes). Vale observar, no entanto, que 10,3% do total de entrevistados afirmaram que a sua moradia era feita de tijolo, mas sem reboco (Tabela 9).

Tabela 9 - Material predominante na construção das moradias dos entrevistados, Recife - 2008

Material predominante	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
alvenaria com reboco	34	87,2	124	91,9	173	84,8	331	87,6
alvenaria sem reboco	4	10,3	9	6,7	26	12,7	39	10,3
Taipa					1	0,5	1	0,3
madeira	1	2,6	1	0,7	4	2	6	1,6
misto			1	0,7			1	0,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

Outra informação relevante acerca das condições dos domicílios dos entrevistados refere-se ao número de cômodos. Como se vê na Tabela 10, cerca de 44% dos entrevistados vivem em moradias de quatro cômodos. Observando a Tabela 10

por tipo de atividade informal, constata-se que os panfleteiros, mais uma vez, têm situação um pouco melhor em termos de números de cômodos das suas residências, sendo que 35,5% vivem em imóveis com mais de quatro cômodos, comparativamente com 20,5% de ciclistas e 28,1% de vendedores de CDs e DVDs piratas que residem em casas com mais de quatro cômodos. Mais esclarecedora ainda é a informação sobre a quantidade de cômodos que servem de dormitório para os moradores do domicílio. Essa informação adquire relevância se confrontada com aquela referente ao número de moradores: assim poder-se-á averiguar o nível de comodidade em que vivem os residentes dos imóveis. Os dados mostram que, em média, para os três grupos de ocupados, cada cômodo usado como dormitório abriga dois membros da família.

Tabela 10 - Número de cômodos no domicílio dos entrevistados, Recife - 2008

N.º de cômodos	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	2	5,1	7	5,2	11	5,4	20	5,3
2	3	7,7	7	5,2	13	6,4	23	6,1
3	5	12,8	21	15,6	36	17,6	62	16,4
4	21	53,8	52	38,5	94	46,1	167	44,2
5	6	15,4	26	19,3	37	18,1	69	18,3
6	2	5,1	18	13,3	12	5,9	32	8,5
7			2	1,5			2	0,5
mais de 7			2	1,4		0,5	3	0,8
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Tabela 11 - Número de cômodos que servem de dormitórios nos domicílios dos entrevistados, Recife - 2008

N.º de dormitórios	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1	9	23,1	34	25,2	59	28,9	102	27
2	20	51,3	55	40,7	94	46,1	169	44,7
3	10	25,6	40	29,6	43	21,1	93	24,6
4			4	3	7	3,4	11	2,9
5			2	1,5			2	0,5
6					1	0,5	1	0,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

As informações apresentadas na Tabela 12 mostram uma situação favorável aos trabalhadores entrevistados, visto que mais de dois terços deles reside no próprio

imóvel, devidamente quitado. Entre os vendedores de CDs e DVDs piratas há percentuais dignos de registro no tocante à ocupação de imóveis alugados (21, 6% e 19,3 %, respectivamente). A Tabela 13 chama a atenção para os baixos valores dos aluguéis, pagos pelas famílias dos 73 informantes que residem em imóveis alugados. Pelos valores pagos (até R\$ 100,00 pagos por 45,5% dos vendedores de CDs e DVDS que vivem em imóveis alugados e 19,2% dos panfleteiros que se encontram na mesma situação e entre R\$ 101,00 e R\$ 150,00 pagos por respectivamente, 27,3% dos vendedores de CDs e DVDS piratas e 26,9 % dos panfleteiros), deduz-se que se tratam de imóveis muitos precários.

Tabela 12 - Condição legal da residência dos entrevistados, Recife - 2008

Condição legal	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
próprio - já pago	34	87,2	97	71,9	143	70,1	274	72,5
alugado	3	7,7	26	19,3	44	21,6	73	19,3
cedido	2	5,1	8	5,9	16	7,8	26	6,9
invadido			3	2,2	1	0,5	4	1,1
ns/nd			1	0,7			1	0,3
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

Tabela 13 - Valor do aluguel pago pelos entrevistados, Recife - 2008

Valores Mensais (R\$)	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Até R\$100,00			5	19,2	20	45,5	25	34,2
De R\$101,00 até R\$150,00			7	26,9	12	27,3	19	26
De R\$151,00 até R\$ 200,00	1	33,3	8	30,8	11	25	20	27,4
Mais de R\$201,00	2	66,7	6	23,1	1	2,3	9	12,3
Total	3	100	26	100	44	100	73	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

A oferta de serviços públicos constitui informação complementar que permite avaliar as condições de vida da população estudada. A Tabela 14 mostra que, do total de informações, apenas 4,5% das residências dos entrevistados não está ligada à rede pública de abastecimento de água. A maioria 88,4% tem suas casas abastecidas diretamente e 7,1% fazem uso do chamado “jacaré”, ou seja, são ligados clandestinamente à rede pública. Mais uma vez, no caso do abastecimento de água das residências situação dos vendedores de CDs e DVDS piratas é um pouco mais precária do que a dos ciclistas e dos panfleteiros, porquanto 86,3% (contra, respectivamente,

94,9% e 89,6%) vivem em imóveis diretamente ligados à rede pública de abastecimento de água. A propósito desse serviço público, convém chamar a atenção para o fato de nos bairros periférico do Recife e das cidades da RMR, o fornecimento sofrer racionamento o que implica falta de regularidade no abastecimento. Existe, portanto, uma certa relatividade nos elevados percentuais de residências ligadas diretamente, ou clandestinamente, à rede pública de abastecimento de água.

Tabela 14 - Características físicas e acesso a serviços públicos dos domicílios dos entrevistados, Recife - 2008

Características e acesso a serviços públicos		Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
água da rede pública de abastecimento	sim - diretamente ligada	37	94,9	121	89,6	176	86,3	334	88,4
	sim - através de jacaré	2	5,1	6	4,4	19	9,3	27	7,1
	não			8	5,9	9	4,4	17	4,5
Total		39	100	135	100	204	100	378	100
energia elétrica da rede oficial	sim - diretamente ligada	37	94,9	130	96,3	188	92,2	355	93,9
	sim - através de gambiarra	2	5,1	5	3,7	16	7,8	23	6,1
	Total	39	100	135	100	204	100	378	100
tipo de banheiro	individual interno	33	84,6	120	88,9	178	87,3	331	87,6
	individual externo	6	15,4	10	7,4	13	6,4	29	7,7
	individual interno e externo			3	2,2	3	1,5	6	1,6
	Coletivo					5	2,5	5	1,3
	Não tem					1	0,5	1	0,3
	ns/nd			2	1,5	4	2	6	1,6
Total		39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Outro serviço público praticamente universalizado nas periféricas das cidades brasileiras é o de fornecimento de energia elétrica. A explicação para isto deve estar no fato de as linhas de transmissão serem mais fáceis e mais baratas de instalar que os canos de abastecimento de água. O fato é que a oferta de energia elétrica está disseminada nas periféricas das cidades brasileiras. Outro importante indicador da condição de moradia em áreas onde predominam famílias de baixa renda é a existência, ou não, de banheiro sanitário. Como informa a Tabela 14, a quase totalidade dos trabalhadores entrevistados informam que as suas residências possuem essa facilidade. Todas as casas dos ciclistas e dos panfleteiros entrevistados as possuem, e 96,1% das moradias dos vendedores de CDs e DVDS piratas também. Informações não reproduzidas em tabela revelam que as casas que tinham banheiro/sanitário contaram com apenas um; vale destacar, no entanto, que 13,3% dos panfleteiros e 10,8% dos

vendedores de CDs e DVDS piratas afirmaram que as suas residências contavam com dois banheiros/sanitários.

A maioria dos banheiros eram internos e exclusivos dos moradores de cada residência. O maior percentual (15,4%) de informantes cujas moradias têm banheiro/sanitário externo e foi identificado entre os ciclistas. Por outro lado, a ocorrência de banheiro/sanitário coletivo foi mencionada por 2,5% dos vendedores de CDs e DVDs piratas.

As informações contidas nas Tabelas 9 a 14 podem ser comparadas com os dados apresentados nas Tabelas 14 e 15 do estudo sobre os vendedores nos semáforos do Recife, acima mencionado. Em relação a todas as variáveis possíveis de comparação nos dois estudos, as condições das moradias dos trabalhadores entrevistados nesta pesquisa se mostram melhores do que as dos informantes da pesquisa realizada em 2005. Como parece improvável que no intervalo de três anos a situação de trabalhadores ambulantes do Recife tenha apresentado melhoras nos níveis apresentados nos dois estudos, o mais provável é que a venda de mercadoria constitua uma situação extrema de carência material, ou, em outras palavras, represente o ápice da informalidade. Quer-se dizer, com isso, que a necessidade de sobrevivência de algumas pessoas carentes leva-as a se submeterem às condições de um tipo de comércio inseguro – pois requer os deslocamentos entre os veículos que trafegam em avenidas e ruas movimentadas -, sujeito às intempéries e enfrentando jornadas de trabalho normalmente extensas.

Coerentemente com os resultados de outras pesquisas realizadas em várias cidades brasileiras, 97,3% do total de entrevistados nesta pesquisa afirmaram possuir um ou mais aparelhos de TV em cores nas suas casas. Os percentuais são bastante semelhantes entre as três categorias de trabalhadores estudados, inclusive os percentuais dos que possuem um e os que contam dois ou três aparelhos de TV em cores. A existência de geladeira nos domicílios dos trabalhadores também segue o padrão brasileiro de posse de equipamento eletro-doméstico.

Cerca de 78% do total de informantes possuem geladeira em suas casas e 20,4% não contam com esse benefício, embora em uma cidade de clima tropical com o Recife, a geladeira seja um importante indicador de qualidade de vida. Como se vê na Tabela 15, os percentuais de panfleteiros (87,1%) e de ciclistas (84,6%) que possuem geladeira nas suas residências são um pouco mais altos do que aquele relativo aos vendedores de

CDs e DVDs (71,1%), coerentemente com outras informações acima analisadas, em que essa categoria de entrevistados apresenta condições de vida menos favorável, em alguns aspectos, do que as dos ciclistas e panfleteiros. Apesar de menos essenciais do que os refrigeradores, os aparelhos de DVD apresentam-se em percentuais próximos das geladeiras. Enquanto 77,9% dos domicílios dos trabalhadores entrevistados têm, como foi visto, uma geladeira, em 76,6% das residências há um aparelho de DVD. Deduz-se que esse equipamento constitui-se em importante opção de lazer para as famílias dos entrevistados e, por extensão, pode-se inferir que para as famílias de baixa renda do Recife.

Tabela 15 - Bens existentes no domicílio dos entrevistados, Recife - 2008

Bens existentes no domicílio dos entrevistados	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total		
	N	%	N	%	N	%	N	%	
TV em cores	não possui	1	2,6	2	1,5	7	3,4	10	2,7
	1	27	69,2	82	62,1	132	65	241	64,4
	2	8	20,5	38	28,8	50	24,6	96	25,7
	3	3	7,7	8	6,1	12	5,9	23	6,1
	4			2	1,5	2	1	4	1,1
Total	39	100	132	100	203	100	374	100	
Geladeira simples	não possui	6	15,4	14	11,3	55	27	75	20,4
	1	33	84,6	108	87,1	145	71,1	286	77,9
	2			2	1,6	4	2	6	1,6
Total	39	100	124	100	204	100	367	100	
Aparelho de DVD	não possui	4	10,3	23	18,3	34	16,7	61	16,6
	1	32	82,1	95	75,4	155	76,4	282	76,6
	2	3	7,7	7	5,6	12	5,9	22	6
	3			1	0,8	2	1	3	0,8
Total	39	100	126	100	203	100	368	100	
Aparelho de som	não possui	7	17,6	26	21,1	66	32,4	99	27
	1	27	69,2	88	71,5	126	61,8	241	65,8
	2	4	10,3	8	6,5	7	3,4	19	5,2
	3	1	2,6	1	0,8	3	1,5	5	1,4
	mais de três					2	1	2	0,6
Total	39	100	123	100	204	100	366	100	
Bicicleta	não possui	2	5,1	41	37,6	77	37,7	120	34,1
	1	23	59	48	44	85	41,7	156	44,3
	2	8	20,5	15	13,8	30	14,7	53	15,1
	3	2	5,1	4	3,7	6	2,9	12	3,4
	4 ou mais	4	10,3	1	0,9	6	2,9	11	3,1
Total	39	100	109	100	204	100	352	100	
Telefone celular	não possui	3	7,7	6	4,7	44	21,6	53	14,2
	1	17	43,6	52	40,3	66	32,4	135	36,3
	2	11	28,2	39	30,2	59	28,9	109	29,3
	3	4	10,3	15	11,6	17	8,3	36	9,7
	4 ou mais	4	10,3	17	13,2	18	8,8	39	10,5
Total	39	100	129	100	204	100	372	100	

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

A Tabela 15 mostra ainda que existem menos aparelhos de som do que de DVD nas residências dos informantes, pois em 27,0% delas não foi mencionada a existência desse tipo de equipamento. Informações acerca da posse de outros itens caracterizadores de níveis de bem-estar também foi coletadas por esta pesquisa, mas não são reproduzidas aqui em tabelas, por razões de logística do relatório final. De qualquer modo, deve-se registrar que 8,5% do total, de trabalhadores entrevistados afirmaram que no seu domicílio existe pelo menos um automóvel e 9,6% mencionaram a existência de uma motocicleta. Com relação à posse de bicicleta, os percentuais são maiores (44,3% mencionaram uma e 15,1%, duas). Compreensivelmente, os maiores percentuais de respostas afirmativas em relação à posse de bicicleta foi encontrada entre os ciclistas: 59,0% afirmaram possuir uma e 20,5% informaram que possuem duas bicicletas. De interesse também, a informação acerca da existência de computador na residência deixa de ser reproduzida em tabela, devido aos percentuais relativamente pequenos: 13,3% dos informantes responderam que existe esse equipamento nos seus domicílios, sendo que o percentual mais alto (21,6%) foi registrado nas casas dos panfleteiros.

A Tabela 15 revela também que quase 47% dos panfleteiros contam com esse equipamento de comunicação nas suas residências, dado esse que se soma a outras informações indicadoras de condições de vida relativamente melhores do que as das duas outras categorias estudadas. Como era esperado, devido ao crescimento exponencial do número de telefones celulares no Brasil, os percentuais de entrevistados que afirmaram possuir um ou mais aparelhos é bastante elevado. Conforme a Tabela 15, apenas 14,2% dos 372 informantes não possui telefone celular. Das três categorias de trabalhadores entrevistados, os vendedores de CDs e DVDs são os que aparecem com menor percentual (21,6%) dos que não possuem telefone celular. O decorrer deste relatório mostrará as razões para a situação relativamente desfavorável desses vendedores em relação aos ciclistas e aos panfleteiros.

As famílias dos trabalhadores são relativamente pequenas. Como se vê na Tabela 16, predominam famílias constituídas entre 2 e 5 pessoas. A concentração maior é de famílias com 3 e 4 integrantes. Essas informações são coerentes com os dados coletados pela pesquisa realizada pela Fundaj, que estudou os efeitos da violência nas escolas públicas do Recife⁶. Na pesquisa realizada em 2005, o número

⁶ Duarte (2006), Tabela 8.

médio de pessoas por domicílio era de cinco. Na pesquisa sobre vendedores nos semáforos, o número médio de famílias era de 4,8⁷.

Tabela 16 – Número de pessoas que vivem no domicílio dos entrevistados, Recife - 2008

Número de moradores	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1			4	3	6	2,9	10	2,6
2	5	12,8	14	10,4	28	13,7	47	12,4
3	10	25,6	31	23	48	23,5	89	23,5
4	7	17,9	32	23,7	48	23,5	87	23
5	8	20,5	21	15,6	32	15,7	61	16,1
6	5	12,8	15	11,1	17	8,3	37	9,8
7	1	2,6	6	4,4	12	5,9	19	5
8			7	5,2	8	3,9	15	4
9 ou mais	3	7,7	5	3,7	5	2,5	13	3,4
Total	39	100	135	100	204	100	378	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008

A Tabela 17 mostra que 64% dos trabalhadores entrevistados afirmaram que não recebem nenhuma transferência oriunda de programas governamentais. A renda familiar mensal dos trabalhadores pesquisados é como seria de esperar, muito baixa. Do total de informantes, a maioria (98,1%), afirmou que a renda de suas famílias varia entre meio e três salários mínimos. Segundo 17,9% dos informantes, a renda familiar é de mais de 3 salários mínimos⁸ (Tabela 18).

Tabela 17 - Valores mensais recebidos pela família dos entrevistados de programas governamentais, Recife - 2008

Valores Mensais (R\$)	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Não recebe	19	50	86	65,2	126	66	231	64
Menos de R\$30,00	1	2,6	3	2,3	7	3,7	11	3
De R\$31,00 a R\$60	4	10,5	11	8,3	12	6,3	27	7,5
De R\$61,00 a R\$80,00	3	7,9	14	10,6	21	11	38	10,5
De R\$81,00 a R\$100,00	3	7,9	13	9,8	16	8,4	32	8,9
R\$101,00 e mais	8	21,1	5	3,8	9	4,7	22	6,1
Total	38	100	132	100	191	100	361	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

⁷ Araújo (2007), Tabela 13.

⁸ Estas informações colaboram os dados encontrados na pesquisa sobre a violência nas escolas (Duarte, 2006), conforme se vê no Quadro 13, p.29.

Tabela 18 - Renda dos domicílios dos entrevistados, Recife - 2008

Renda	Ciclista		Panfleteiro		Vendedor de CD e DVD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Até meio SM	1	2,7	3	2,3	3	1,5	7	1,9
De meio até 1SM	4	11	28	21	36	17,9	68	18,4
De 1,01 até 2 SM	13	35	57	44	83	41,3	153	41,5
De 2,01 até 3 SM	8	22	23	18	44	21,9	75	20,3
Mais de 3,01 SM	11	30	20	15	35	17,4	66	17,9
Total	37	100	131	100	201	100	369	100

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Para se formar um quadro mais realista da situação econômica dos trabalhadores entrevistados, o indicador da renda familiar é o mais indicado. Cerca de um quinto dos entrevistados (20,3%) vivem em famílias cuja renda mensal é inferior a 1 salário mínimo e pouco mais de 49% (41,5%) das famílias inferem renda que, varia entre 1 e 2 salários mínimos. Adotando como linha de pobreza o valor de meio salário mínimo, medida de pobreza utilizada na maioria dos estudos sobre pobreza e desigualdade de renda, e, considerando a renda *per capita* familiar dos entrevistados, 60,6% dos pesquisados (e suas famílias) podem ser classificados como pobres.

3. Características de trabalho e rendimento dos entrevistados

As três ocupações estudadas possuem características distintas e bem delimitadas, assim como observado no perfil dos trabalhadores. O típico ciclista é um trabalhador autônomo que presta serviço para várias pessoas e/ou empresas. Circula por vários bairros e, segundo seus próprios cálculos, percorrem cerca de 30 km em média por dia. Veicula seus anúncios em locais movimentados, próximo a pontos comerciais e avenidas com grande fluxo de pedestres. O percurso é determinado, na maior parte das vezes, pelo cliente. Divulgam, em média, três peças publicitárias diferentes por dia. A peça é de responsabilidade do cliente, mas em muitos casos o ciclista ajuda na criação. Os segmentos econômicos que mais recorrem ao trabalho dos ciclistas são: supermercados, financeiras, lojas de roupas e salões de beleza. Em períodos eleitorais, os políticos também utilizam esse meio de divulgação. Em geral as pessoas são receptivas a essa forma de publicidade, segundo os ciclistas entrevistados, pois costumam pedir informações e param para ouvir os anúncios.

O panfleteiro é um empregado sem registro em carteira que trabalha para uma empresa. Em geral, para sua contratação, não foi feita nenhum tipo de exigência. Ele pode distribuir ou não panfletos em diferentes bairros na mesma semana. Distribui panfletos nos semáforos, nas calçadas de avenidas movimentadas ou diante de pontos comerciais. Os panfletos podem ser, na maior parte das vezes, distribuídos sem prazo determinado. O trabalho é, em geral, supervisionado. Trabalham em grupo, em média de quatro pessoas. Foram encontrados, durante o trabalho de campo, mais panfletos de financeiras, empresas fornecedoras de acessórios para automóveis (como aparelhos de som) e construtoras/imobiliárias. A maioria do panfleteiros não recebe nenhum tipo de apoio proveniente de seus empregadores nas ruas, poucos alegaram receber lanche ou água. Alguns são identificados por camiseta e/ou boné, mas a maioria não utiliza nenhuma forma de identificação. A periodicidade do pagamento é variável, 48,5% afirmaram receber por semana, 28,4% mensalmente e 15,7% quinzenalmente.

O vendedor de CD, DVD e CD/MP3 piratas pode ser um autônomo ou um empregado sem carteira. Deslocam-se pela cidade utilizando carrinhos (71,4%) ou utilizam bancas improvisadas (17,7%), poucos se servem de telas/grades na exposição dos produtos ou mochilas/bolsas. Para iniciar o negócio, 54,7% dos trabalhadores

autônomos acumularam recursos próprios (oriundos de poupança anterior ou venda de bens), pediram empréstimo aos amigos ou parentes (16,2%) ou utilizaram indenização (11,1%). A forma mais comum de aquisição da mercadoria a ser vendida é comprando e revendendo, raros produzem o que vendem (cerca de 3%). Os trabalhadores sem carteira apenas recebem o produto para ser vendido. A quase totalidade (94,6%) das mercadorias comercializadas, entre os pesquisados que responderam essa questão, tem origem no estado de Pernambuco (Recife e Caruaru se destacam). Em média vendem 17,2 CDs, 15,6 DVDs e 8,3 CDs/MP3 por dia. O preço médio que os entrevistados pagam por cada CD é de R\$1,70 (R\$1,50 é o valor mediano), o DVD custa R\$2,20 e o CD/MP3 R\$2,36 (o valor mediano dos dois é R\$2,00). O preço mediano de venda dos CDs é R\$3,00, do DVD é R\$5,00 e do CD/MP3 é R\$4,00. A venda de DVD é a mais lucrativa (por unidade), rende R\$2,20 em média de lucro para o vendedor. Com cada unidade vendida de CD o lucro médio é de R\$1,80 e com o CD/MP3 é R\$1,65. O ganho médio é de R\$31,00 por dia com a venda de CD, R\$31,40 com a venda de DVD e R\$13,80 com CD/MP3. Esses trabalhadores se deparam, ainda, com o fato de estarem envolvidos em uma atividade ilegal, estando submetidos ao risco de ter as mercadorias apreendidas e até mesmo de serem presos. Mais da metade deles (54,4%) já foi abordado por algum tipo de fiscalização e, desses, 44,6% tiveram a mercadoria apreendida por fiscais.

No que se refere ao número de trabalhos, 89,4% dos entrevistados afirmaram ter apenas um trabalho, 10,1% dois trabalhos e apenas 0,5% (dois trabalhadores) informaram três trabalhos (Tabela 19). Entre os ciclistas, 74,4% indicaram executar somente um trabalho. Já para 90,4% dos panfleteiros e 91,7% dos vendedores de CDs e DVDs piratas o trabalho realizado nas ruas é a única fonte de sustento. Deve se considerar, no entanto, que o percentual dos ocupados na Região Metropolitana do Recife (RMR), conforme a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), que possuem apenas um trabalho é superior ao aferido na pesquisa ora apresentada: 98,1%.

Tabela 19 - Número de trabalhos declarados pelos entrevistados, Recife - 2008

Quantidade de trabalhos	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
Um	29	74,4	122	90,4	187	91,7	338	89,4
Dois	10	25,6	12	8,9	16	7,8	38	10,1
Três	0		1	0,7	1	0,5	2	0,5
Total	39	100,0	135	100,0	204	100,0	378	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Para mais de 90% dos entrevistados, as ocupações de ciclista (92,3%), panfleteiro (92,6%) e vendedor de CDs e DVDs (96,6%) piratas correspondem ao principal trabalho realizado no período de referência. Entre aqueles que informaram possuir outro trabalho principal, as ocupações citadas são, em geral, caracterizadas pela necessidade, para seu exercício, de baixa escolaridade e qualificação, entre as quais: ajudante de pedreiro, flanelinha, vigia e zelador. Entretanto, encontrou-se um professor que nas horas vagas distribui panfletos como forma de complementação da renda.

A ampla maioria dos entrevistados (84%) não possui qualquer profissão, aqui compreendida em um sentido amplo⁹, isto é, como a habilidade para realizar algum trabalho especializado, e entre aqueles que informaram possuir uma profissão cita-se: pedreiro, marceneiro, costureiro, eletricitista, mecânico, padeiro, pintor e professor.

Como pode ser visto na Tabela 20, todos os entrevistados possuem pouco tempo de serviço, em média menos de dois anos, com variações entre as ocupações estudadas. Enquanto os panfleteiros trabalham, em média, menos de um ano, os vendedores de CDs e DVDs piratas (doravante denominados apenas “vendedores”) informaram trabalhar em média 2,5 anos e os ciclistas 2,2 anos. O tempo de serviço informado pelos entrevistados é inferior ao declarado pelo conjunto dos ocupados da RMR. É também inferior ao observado na pesquisa dos vendedores nos semáforos (Araújo, 2007). Segundo os dados da PME, 19,7% indicaram tempo de permanência no trabalho inferior a 1 ano, 70,4% de pelo menos dois anos.

⁹ Merece registro a existência de um amplo debate quanto ao conceito de profissão (ver Soria-Silva, 2006). Provavelmente, nenhuma das profissões citadas na pesquisa poderiam ser enquadradas numa definição mais refinada de profissão, tal como apresentada por Wilensky, cujos principais elementos são: a ocupação em tempo integral e o controle sobre a formação; a existência de uma associação profissional; a regulamentação para o exercício da profissão e um código de ética (Wilensky apud Soria-Silva, 2006).

Araújo (2007; ver Gráfico 11) aponta que apenas 13,1% dos vendedores nos semáforos tinha menos de um ano na atividade e 81,1% pelo menos dois anos. O mesmo percentual entre as ocupações estudadas nesse relatório é de 40,8% e 41,4%, na mesma ordem.

Tabela 20 – Tempo de permanência no trabalho atual dos entrevistados, Recife - 2008

Tempo (em anos)	Ocupação						Total		PME
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%	%
	N	%	N	%	N	%			
Menos de 1	13	33,3	80	59,3	61	30,0	154	40,8	19,7
De 1 a menos de 2	8	20,5	28	20,7	31	15,3	67	17,8	9,9
Dois anos ou mais	18	46,2	27	20,0	111	54,7	156	41,4	70,4
Total	39	100,0	135	100,0	203	100,0	377	100,0	100,0
Média	2,2		0,9		2,5				-

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Obs: PME de fevereiro de 2008.

De uma forma geral, os rendimentos do trabalho na RMR são baixos¹⁰: 72,7% dos ocupados informaram renda de até dois salários mínimos, de acordo com a PME (fev/2008). A Tabela 21 mostra o rendimento das três ocupações pesquisadas distribuído por faixa de salário mínimo. Observa-se que o percentual dos entrevistados com renda de até dois salários mínimos é superior ao encontrado entre os ocupados da RMR: ciclistas, 92,2%; panfleteiros, 99,3% e vendedores, 77,9%. O rendimento mediano mensal dos ciclistas e panfleteiros situa-se abaixo do salário mínimo vigente no momento da pesquisa e abaixo do rendimento mediano do total dos ocupados da RMR (R\$470,00 em fev./2008, conforme a PME). Já o rendimento mediano dos vendedores é igual ao salário mínimo do período e inferior ao rendimento mediano dos ocupados na RMR.

¹⁰ Além de terem uma distribuição muito assimétrica, dispersa e desigual.

Tabela 21 - Rendimento no mês de referência, em salários mínimos, Recife - 2008

Faixa de salário mínimo	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
Até 1/2	7	17,9	66	48,9	16	7,9	89	23,6
De 1/2 a 1	16	41,0	56	41,5	87	42,9	159	42,2
De 1 a 2	13	33,3	12	8,9	55	27,1	80	21,2
De 2 a 3	2	5,1			26	12,8	28	7,4
Mais de 3	1	2,6	1	0,7	19	9,4	21	5,6
Total	39	100,0	135	100,0	203	100,0	377	100,0
Mediana	R\$ 350,00		R\$ 200,00		R\$ 380,00		R\$ 300,00	

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

No que diz respeito à forma como os entrevistados estão inseridos no mercado de trabalho, as três ocupações são marcadas pela informalização do vínculo de trabalho (tomando como base o critério jurídico), com predominância do emprego sem carteira e do trabalho autônomo. Entre os ciclistas e vendedores predomina o trabalho por conta própria (53,8% e 55,2%, respectivamente), seguido pelo emprego sem registro (41% e 42,4%, na mesma ordem). Já a quase totalidade dos panfleteiros está submetida a uma relação de emprego irregular, pois 90,4% trabalham sem carteira de trabalho assinada (Tabela 22). A pesquisa com os vendedores nos semáforos também indicou preponderância dos trabalhadores por conta-própria e empregados sem carteira, mas em percentual inferior no caso dos assalariados sem registro (31,1%) e superior entre os autônomos (58,3%)¹¹.

Tabela 22 - Entrevistados distribuídos por posição na ocupação, Recife - 2008

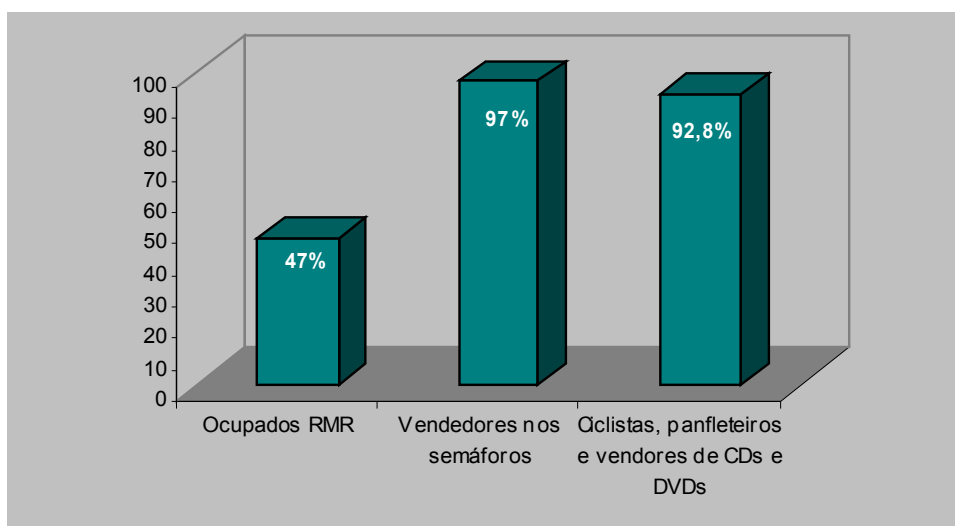
Posição	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
empregado com carteira	1	2,6	12	8,9			13	3,4
empregado sem carteira	16	41,0	122	90,4	86	42,4	224	59,4
conta própria	21	53,8	1	0,7	112	55,2	134	35,5
empregador					1	0,5	1	0,3
outro	1	2,6			4	2,0	5	1,3
Total	39	100,0	135	100,0	203	100,0	377	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

¹¹ Ver Araújo (2007); Tabela 27.

São muito elevados, relativamente ao total dos ocupados da RMR¹², os percentuais de não contribuição previdenciária entre os trabalhadores pesquisados. Comparando com os vendedores nos semáforos, no entanto, os percentuais são próximos, conforme mostra o Gráfico 1. Entre os vendedores 95,6% informou que não estava contribuindo para a Previdência no momento da pesquisa, entre os ciclistas o mesmo percentual era de 94,8%. Os percentuais de não contribuição também são elevados entre os panfleteiros: 88,1%. Chama atenção, ainda, o número de trabalhadores entrevistados que nunca contribuíram: 68,9% entre os panfleteiros, 68,6% entre os vendedores e 53,8% dos ciclistas. Os percentuais de não contribuição entre ciclistas e vendedores de CDs e DVDs piratas são superiores ao verificado na pesquisa com os vendedores nos semáforos (58,7%).¹³

Gráfico 1 – Percentual de trabalhadores não contribuintes da Previdência Social, Recife - 2008



Fonte: IBGE, Pesquisa Mensal de Emprego (fev. 2008); Araújo (2007, p. 65) e Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Esse quadro é explicado, segundo os entrevistados, pelo elevado custo e pelo desconhecimento das regras do sistema previdenciário. As duas razões perfazem mais de dois terços das respostas nas três ocupações (Tabela 23) investigadas. Alguns entrevistados mencionaram que não contribuem porque não vale a pena a remuneração final. Essa resposta também pode indicar falta de conhecimento sobre as regras, uma vez que o benefício percebido depende da

¹² Segundo a PME (fev. 2008) 47% dos ocupados na RMR não contribuíam para a previdência social.

¹³ Araújo (2007, p. 65). Ver Tabela 28.

contribuição efetuada podendo ser maior ou menor dependendo do valor quotizado ao longo de sua vida produtiva.

Além do mais, o acesso à Previdência garante outros benefícios (tais como: auxílio-doença, auxílio acidente, salário maternidade) e não apenas uma remuneração na forma de aposentadoria. Outros entrevistados, 8,2% dos vendedores, mencionaram não ser necessário contribuir para se aposentar. Trata-se de mais um caso de desconhecimento das regras, pois a previdência é um seguro, o qual depende de contribuições prévias para obtenção da aposentadoria. Talvez os entrevistados estivessem fazendo referência ao Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social (BPC-LOAS), de natureza assistencial e não contributiva, mas, também nesse caso, existem regras definidas¹⁴ para acesso ao benefício e nem todos se habilitam a recebê-lo.

Tabela 23 – Entrevistados segundo os motivos para não contribuição a Previdência Social, Recife - 2008

Motivos	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
custo elevado	19	50,0	56	46,3	61	31,1	136	38,3
falta conhecimento sobre as regras	14	36,8	59	48,8	81	41,3	154	43,4
não vale a pena a remuneração final	2	5,3	1	0,8	10	5,1	13	3,7
não é necessário contribuir para conseguir se aposentar					16	8,2	16	4,5
não considera importante	2	5,3	2	1,7	6	3,1	10	2,8
outro					8	4,1	8	2,3
Não tem emprego certo					3	1,5	3	0,8
ns/nd	1	2,6	3	2,5	11	5,6	15	4,2
Total	38	100,0	121	100,0	196	100,0	355	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Vale ressaltar, ainda, que são muitos os riscos do exercício das três ocupações analisadas e os trabalhadores não contribuintes estão descobertos em caso de acidente ou doença que os incapacite para o trabalho. O mesmo ocorre com as famílias em caso de morte do principal provedor. Os trabalhadores estão cientes desses riscos, pois, quando questionados sobre a principal dificuldade vivenciada no cotidiano da atividade, foram mencionadas, entre outras, a exposição às

¹⁴ Destinado aos idosos com 65 anos de idade ou mais, que não recebem nenhum benefício previdenciário e cuja renda mensal familiar per capita seja inferior a ¼ do salário mínimo. Também se destina às pessoas com deficiência. Cabe registrar que o benefício é intransferível, ou seja, não gera pensão aos dependentes.

intempéries (17,2%) e o risco de acidentes (7,4%). Ciclistas (39,5%) e panfleteiros (38,5%) relataram a ocorrência de “imprevistos” ao longo do dia de trabalho, entre os quais os acidentes de trânsito e agressões verbais e físicas.

Como a maioria dos entrevistados tem como atividade produtiva principal as ocupações pesquisadas, é natural que despendam muitos dias e horas da semana para se dedicar a esse trabalho. Em média, os que trabalham menos dias na semana são os panfleteiros (4,7 dias) e os que trabalham mais dias são os vendedores (6,2 dias). Os ciclistas trabalham em média 5,8 dias por semana. Observa-se, pelos dados da Tabela 24, que acima de 80% dos ciclistas e vendedores informaram trabalhar seis dias ou mais na semana. Comparativamente aos vendedores nos semáforos, o grupo de ocupações aqui analisado trabalha mais dias por semana. Enquanto 3,9% dos vendedores nos semáforos indicaram trabalhar sete dias por semana (Araújo, 2007; ver Tabela 24), 20,4% dos trabalhadores entrevistados nesta pesquisa afirmou trabalhar todos os dias da semana. Esse percentual se deve, em grande medida, aos vendedores de CDs e DVDs piratas, como mostra a Tabela 24.

Tabela 24 – Número de dias que os entrevistados trabalham por semana, Recife - 2008

Quantos dias por semana	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
Dois	1	2,6	13	9,6			14	3,7
Três	1	2,6	13	9,6			14	3,7
Quatro			6	4,4	4	2,0	10	2,6
Cinco	5	12,8	64	47,4	25	12,3	94	24,9
Seis	27	69,2	38	28,1	104	51,0	169	44,7
Sete	5	12,8	1	0,7	71	34,8	77	20,4
Total	39	100,0	135	100,0	204	100,0	378	100,0
Média (em dias)	5,8		4,7		6,2		5,6	

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Os vendedores, além de trabalharem mais dias, também trabalham mais horas, em média 10 horas por dia, o que resulta em jornadas de trabalho muito extensas (de 62,2 horas semanais, em média – jornada muito superior à média, de 40,8 horas, do total de ocupados na RMR). Os ciclistas e panfleteiros trabalham em média pouco mais de 7 horas por dia (Tabela 25), perfazendo uma jornada média de 42 horas (também acima da média dos ocupados na RMR) e 34,8 horas semanais, respectivamente (Tabela 25).

Tabela 25 – Número de horas por dia que os entrevistados dedicam ao trabalho, Recife- 2008

N.º de horas por dia	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
Três	1	2,6	2	1,5			3	0,8
Quatro	4	10,3	14	10,4	1	0,5	19	5,1
Cinco	3	7,7	10	7,5	2	1,0	15	4,0
Seis	8	20,5	15	11,2	7	3,4	30	8,0
Sete	3	7,7	24	17,9	10	4,9	37	9,8
Oito	12	30,8	47	35,1	26	12,8	85	22,6
Nove	1	2,6	13	9,7	28	13,8	42	11,2
Dez	4	10,3	8	6,0	54	26,6	66	17,6
Onze	2	5,1	1	0,7	29	14,3	32	8,5
Doze	1	2,6			31	15,3	32	8,5
Treze					5	2,5	5	1,3
Catorze					4	2,0	4	1,1
Quinze					4	2,0	4	1,1
Dezesseis					1	0,5	1	0,3
Dezessete					1	0,5	1	0,3
Total	39	100,0	134	100,0	203	100,0	376	100,0
Média (em horas)	7,2		7,1		10		8,7	

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Tabela 26 – Jornada de trabalho semanal dos entrevistados, Recife - 2008

Jornada	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
Até 20 horas	2	5,1	34	25,4			36	9,6
De 21 até 44 horas	20	51,3	64	47,8	24	11,8	108	28,7
Mais de 45 horas	17	43,6	36	26,9	179	88,2	232	61,7
Total	39	100,0	134	100,0	203	100,0	376	100,0
Média (em horas)	42		34,8		62,2		50,3	

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

O ingresso na atividade, como se depreende da Tabela 27, se deu para ciclistas e vendedores por meio da indicação de parentes e/ou amigos ou por iniciativa própria (ambas as respostas perfazem 94,9% e 98,5% do total). No caso dos panfleteiros, ampla maioria (81,5%) citou a indicação como porta de entrada na atividade. Nota-se que a indicação foi a resposta mais citada entre os empregados (com e sem registro), considerando todas as ocupações.

Tabela 27 – Mecanismo mais utilizado pelos entrevistados para obtenção da ocupação atual, Recife - 2008

	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
indicação de parentes/amigos	19	48,7	110	81,5	116	56,9	245	64,8
através de agência de empregos			4	3,0			4	1,1
currículo para empresas de divulgação			4	3,0	1	0,5	5	1,3
anúncio/diretamente na empresa	2	5,1	6	4,4	1	0,5	9	2,4
iniciativa própria	18	46,2	11	8,1	85	41,7	114	30,2
ns/nd					1	0,5	1	0,3
Total	39	100,0	135	100,0	204	100,0	378	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Os dados da Tabela 28 sugerem que a busca por trabalho entre os ciclistas e vendedores não passa pelo recurso às instituições do sistema de intermediação, como as agências públicas de emprego, pois 66,7% e 70,6% deles informou sequer ter se cadastrado em tais agências. Os panfleteiros, ao contrário, indicaram, em sua maioria (61,5%), ter cadastro em agências públicas de intermediação.

Tabela 28 – Entrevistados por cadastramento em agência de emprego, Recife - 2008

	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
sim	13	33,3	83	61,5	60	29,4	156	41,3
não	26	66,7	52	38,5	144	70,6	222	58,7
Total	39	100,0	135	100,0	204	100,0	378	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

A forma de ingresso na atividade e o cadastro em agências de emprego indicam que os mecanismos privados e individualmente acionados de procura por trabalho são os mais utilizados entre os trabalhadores pesquisados. Essa constatação tem relação com a importância, no Brasil, das redes sociais na organização da sobrevivência, incluindo-se nesse campo a demanda por trabalho (Guimarães, 2004; Lautier; Pereira, 1994).

Pelo menos dois em cada três trabalhadores entrevistados informaram ter o desejo de trocar o trabalho atual por um emprego com carteira assinada, com todas suas prerrogativas, e de ser remunerado com um salário mínimo (Tabela 29). Entre

aqueles que informaram não desejar um emprego com registro em carteira, 60% ganham mais do que um salário mínimo – o que mostra o grande peso da remuneração mais imediata na sobrevivência cotidiana, a qual tende a ofuscar necessidades futuras, como a proteção na perda de capacidade para o trabalho (seja na doença ou na velhice).

Tabela 29 – Deixaria esse trabalho por um emprego com carteira assinada e remunerado com um salário mínimo?

	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
sim	29	74,4	129	95,6	143	70,1	301	79,6
não	10	25,6	5	3,7	57	27,9	72	19,0
ns/nd			1	0,7	4	2,0	5	1,3
Total	39	100,0	135	100,0	204	100,0	378	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Os entrevistados informaram, em sua maioria, que tiveram trabalho anterior – 97,4% dos ciclistas, 88,1% dos panfleteiros e 90,2% dos vendedores (Tabela 30). Porém, para 9,5% (corresponde a 36 entrevistados) o trabalho atual corresponde à primeira ocupação no mercado de trabalho. A experiência anterior, para os pesquisados que a tiveram, ocorreu em trabalhos vinculados ao setor terciário da economia (no comércio e nos serviços) e na construção civil. Nesse sentido, as ocupações mais citadas foram (em ordem decrescente): vendedores/balconistas em lojas, vendedores ambulantes, ajudante de pedreiro, auxiliar de serviços gerais e empregada doméstica.

Tabela 30 – Entrevistados por experiência de trabalho anterior, Recife - 2008

	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
sim	38	97,4	119	88,1	184	90,2	341	90,2
não	1	2,6	16	11,9	19	9,3	36	9,5
ns/nd					1	0,5	1	0,3
Total	39	100,0	135	100,0	204	100,0	378	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

No trabalho anterior, como mostram os dados expostos na tabela 31, as posições ocupacionais mais frequentes foram as de assalariado sem carteira

(46,2%), com carteira (contrato padrão, 21,1%) e conta-própria que trabalhava para o público (17,5%).

Tabela 31 – Entrevistados por posição na ocupação no trabalho anterior, Recife - 2008

Posição	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
assalariado com carteira (por tempo determinado)	2	5,3	4	3,4	8	4,3	14	4,1
assalariado com carteira (por tempo indeterminado)	11	28,9	26	21,8	35	18,9	72	21,1
assalariado sem carteira	13	34,2	48	40,3	97	52,4	158	46,2
autônomo que trabalhava para o público	8	21,1	15	12,6	37	20,0	60	17,5
autônomo que trabalhava para empresas	1	2,6	3	2,5	1	0,5	5	1,5
empregado doméstico com carteira			1	0,8			1	0,3
empregado doméstico sem carteira			15	12,6	2	1,1	17	5,0
estagiário/bolsista			5	4,2	1	0,5	6	1,8
Não-remunerado membro da unidade domiciliar	3	7,9	2	1,7	4	2,2	9	2,6
Total	38	100,0	119	100,0	185	100,0	342	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Os entrevistados ficaram, em média, 2,5 anos no trabalho anterior. Os panfleteiros ficaram 1,2 anos, os ciclistas 1,9 anos e os vendedores 3,4 anos. No caso dos vendedores de CDs e DVDs piratas observa-se que o maior tempo no trabalho anterior decorre do mesmo tipo de trabalho realizado, isto é, do trabalho de vendas só que de outros produtos (frutas, por exemplo). Os dados mostram que 42,1% dos pesquisados trocou de emprego ou foi demitido antes de completar um ano de trabalho. Cabe mencionar que a permanência em um mesmo trabalho é sugestiva sobre a qualidade do posto, uma vez que funciona como um indicador de rotatividade da mão-de-obra, o qual tem forte correlação negativa com os níveis salariais (Baltar; Proni, 1996).

Os motivos para terem deixado o trabalho anterior são variados, mas as respostas com maior frequência (correspondendo a dois terços delas) foram: dispensa/demissão (25,7%), os baixos valores percebidos (19,3%), motivos pessoais ou familiares (17%) e o fato de ter conseguido outro trabalho (9,4%). Cada um desses motivos incide de forma mais ou menos acentuada dependendo da situação ocupacional. O primeiro motivo é o mais comum entre os assalariados e o

baixo ganho ocorre com mais constância naqueles que trabalham por conta-própria.

Em geral os entrevistados iniciaram sua vida produtiva cedo, em média com cerca de 14 anos de idade, com variações entre as ocupações (por volta de 13 anos para ciclistas e vendedores e 16 para os panfleteiros). Entre os entrevistados, 65,6% informou ter começado a trabalhar antes dos 16 anos de idade, considerada a idade mínima na qual o trabalho é permitido no país¹⁵ (43,2% com menos de 14 anos, idade na qual o trabalho era permitido até 1998). Para 20% dos trabalhadores investigados, o trabalho começou ainda mais cedo, com 10 anos ou menos. Cabe ressaltar que inúmeros são os prejuízos para o desenvolvimento humano causados por um início precoce da vida produtiva, especialmente nos dias de hoje como corretamente argumenta Sochaczewski (1998, p. 8):

...o trabalho não dá às crianças o tipo de aprendizado que se considera importante para inserção no mercado de trabalho adulto. Pelo contrário, é responsável por tirar das crianças pobres a grande oportunidade que têm de se igualar no futuro a jovens de classe média e alta. O trabalho na infância (...) acaba se tornando mais uma forma de reprodução e aprofundamento da desigualdade social existente.

Percentual pequeno dos entrevistados, 22,8%, afirmou ter recebido alguma vez seguro-desemprego (SD). Apenas 16,3% dos panfleteiros tiveram acesso ao benefício em algum momento de sua vida produtiva. O percentual dos vendedores que informou ter recebido SD foi de 24,1%. Os ciclistas foram aqueles que mais tiveram acesso ao seguro: 38,5%. O baixo acesso ao SD certamente está ligado à situação ocupacional dos entrevistados, pois apenas 28,8% informaram ter alguma passagem pelo mercado formal de trabalho¹⁶ (considerando o atual, o anterior e o primeiro trabalho).

¹⁵ Com restrições até os 18 anos (desde que não seja prejudicial à formação e desenvolvimento físico, psíquico, moral e social, e nem realizado de forma que comprometa a frequência escolar). Esses padrões foram definidos pelas Convenções 132 e 182 da Organização Internacional do Trabalho, ambas ratificadas pelo Brasil.

¹⁶ Deve ser considerado, ainda, que nem todos os trabalhadores com passagem pelo mercado formal têm acesso ao SD, pois alguns pré-requisitos precisam ser respeitados para habilitação ao benefício. Segundo MTE/Dieese (2007), o índice de cobertura (habilitados/desligados sem justa causa) do SD foi de aproximadamente 62,8% em 2006.

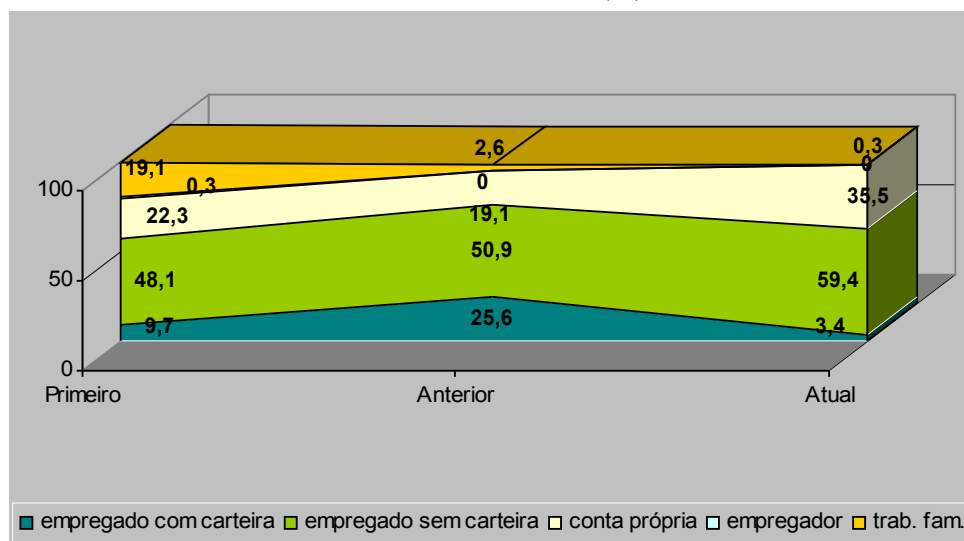
**Tabela 32 – Entrevistados por acesso ao seguro-desemprego,
Recife - 2008**

Seguro-desemprego	Ocupação						Total	
	ciclista		panfleteiro		vendedor de CDs e DVDs		N	%
	N	%	N	%	N	%		
sim	15	38,5	22	16,3	49	24,1	86	22,8
não	24	61,5	113	83,7	154	75,9	291	77,2
Total	39	100,0	135	100,0	203	100,0	377	100,0

Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Por meio dos dados expostos no gráfico 2, pode-se dizer que o assalariamento regular é uma situação minoritária no histórico ocupacional entre os trabalhadores entrevistados. Somente no trabalho anterior alcançou um quarto das posições ocupacionais citadas, no primeiro trabalho apenas 9,7% dos entrevistados informou vínculo com registro em carteira e, no atual, esse percentual é ainda menor: 3,5%. Nesse sentido, o ingresso no mundo do trabalho ocorreu por meio do assalariamento irregular (48,1%), pelo trabalho autônomo (22,3%) ou de forma não-remunerada, na ajuda a familiares (19,1%). Nesse último caso, as ocupações enunciadas mostram que dois terços delas referem-se à ajuda no comércio ambulante, no trabalho nas lavouras e na construção. A participação desse tipo de trabalho cai de forma expressiva nas experiências seguintes de trabalho, desaparecendo no trabalho atual. Tal fato se deve a fatores variados: a necessidade de contribuir monetariamente para a renda familiar, a constituição de suas próprias famílias, o êxodo rural, entre outras. O emprego sem carteira representa a principal posição ocupacional considerando o primeiro trabalho, o anterior e o atual, sendo sua incidência, entre os trabalhadores analisados, crescente.

Gráfico 2 – Situações ocupacionais segundo o primeiro, anterior e o atual trabalho, Recife - 2008 (%)



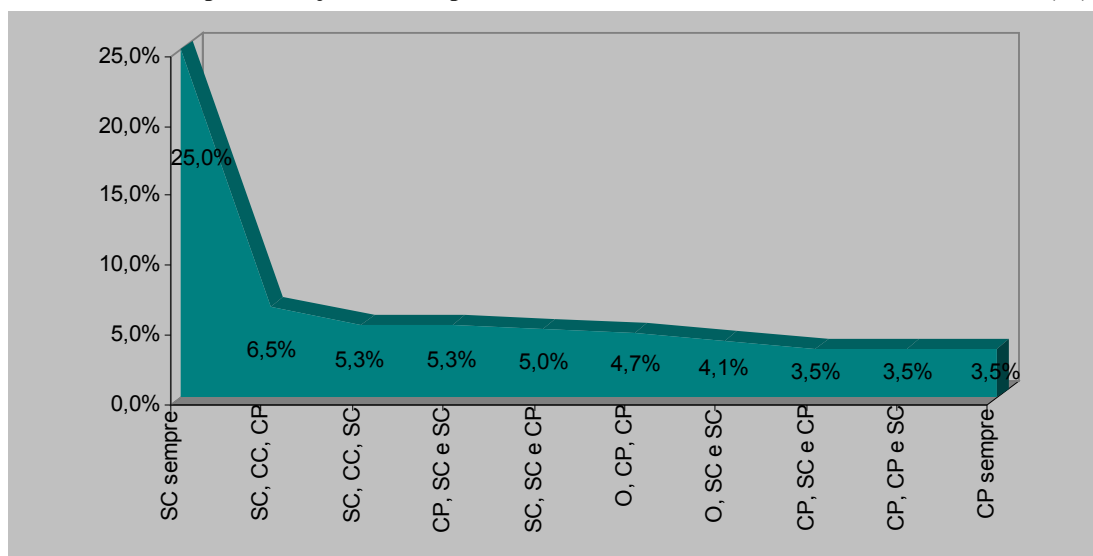
Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Alguns pesquisadores do campo da sociologia, e mais recentemente da economia, têm defendido a necessidade de realização de estudos longitudinais enfatizando as trajetórias, ou biografias, dos trabalhadores, especialmente daqueles cuja integração no mercado de trabalho é caracterizada pela precariedade do vínculo e das condições de trabalho (Zubiri-Rey, 2008; Grelet; Mansuy, 2004; Guimarães, 2004).

Uma forma de analisar a trajetória do trabalhador é observando a evolução da sua situação ocupacional. De posse das informações sobre o atual, o anterior e o primeiro trabalho foi possível construir uma aproximação, ainda que parcial, da trajetória desses trabalhadores. Assim, foram elaboradas tipologias de itinerários considerando cada trabalhador. Constatou-se a existência de 43 diferentes itinerários, o que demonstra expressivo trânsito entre diversas situações ocupacionais. Destes, dez grupos representam 66,4% dos itinerários construídos, os quais estão apresentados no gráfico 3. Percebe-se que os trabalhadores que informaram o assalariamento sem carteira do primeiro ao atual trabalho perfazem 25% do total. O segundo grupo mais representativo é aquele que iniciou a vida produtiva como trabalhador sem carteira, trabalhou com carteira assinada no vínculo anterior e atualmente trabalha por conta-própria (6,5%). O terceiro grupo é semelhante ao anterior, difere apenas o trabalho atual o qual é de empregado sem carteira assinada (5,3%). Nos demais grupos o trânsito ocorre, na maioria dos

casos, entre o trabalho sem carteira e autônomo. Para 3,5% dos que começaram a trabalhar como conta-própria não houve mudança de posição ocupacional nos demais trabalhos examinados. Verificou-se, também, que apenas 0,9% dos pesquisados informou emprego com carteira no primeiro, anterior e atual trabalho.

Gráfico 3 – Grupos de trajetórias ocupacionais selecionadas, entrevistados, Recife – 2008 (%)



Fonte: Pesquisa direta. Fundaj, 2008.

Obs: CC (com carteira), SC (sem carteira), CP (conta-própria), E (empregador), O (outro).

O que se depreende de tais dados é que a maioria dos trabalhadores investigados permanece estagnada em situações que não os levam a construir uma vida produtiva com um mínimo de estabilidade (e proteção) e que dificilmente propiciará mobilidade social ascendente.

A instabilidade é revelada também por outro tipo de transição, do trabalho para o não-trabalho: 67% dos investigados relataram ter vivenciado uma situação de desemprego nos últimos 15 anos.

Por fim, os pesquisados foram instados a discorrer sobre seus desejos e expectativas em relação ao trabalho. Em primeiro lugar, as expectativas são muito baixas (ou realistas), visto que a maioria espera pequenas melhorias como: um local de trabalho mais adequado, estabilidade e segurança propiciadas pelo registro em carteira (ainda que estas sejam relativas) ou por um emprego no serviço público, a abertura de um pequeno negócio. Muitos relataram aspirar um emprego em estabelecimentos - em lojas, como vendedores, em clínicas médicas como

receptionistas, como porteiro em condomínios (isto é, esperam deixar o trabalho nas ruas, aquele que é exercido em local aberto, sem estrutura de proteção e que deixa o trabalhador muito vulnerável)¹⁷. A referência direta à carteira assinada, bem como os benefícios associados à sua posse (segurança, direitos, estabilidade), aparece inúmeras vezes nos relatos dos pesquisados. A carreira no serviço público também foi lembrada, notadamente a de policial ou bombeiro. Alguns citaram, igualmente, o anseio em montar um negócio próprio, fixo e estruturado (loja de venda de roupas, de cosméticos, salão de beleza, oficina de conserto de bicicletas, lanchonete entre outras). Outros, por sua vez, não almejam um ofício específico, esperam apenas poder sobreviver do próprio trabalho.

¹⁷ Merece ser mencionada, em particular, a resposta de um dos entrevistados: “Gostaria de trabalhar com telemarketing: sentado, atendendo ao telefone e no ar condicionado”. Nesse caso, o olhar que o trabalhador tem sobre a outra ocupação, a de telemarketing, reflete de modo claro a repulsa em relação à sua própria condição laboral, ou qual seja, a de um trabalhador que tem nas ruas o seu local de trabalho, e naquilo que mais o incomoda: a exposição à chuva, ao sol, ao calor. Sabe-se que o trabalho no setor de teleatendimento está longe de servir como referência em termos de condições ideais de trabalho, conforme mostram vários estudos (Venco, 2006; Vilela; Assunção, 2004).

Considerações finais

Por serem subsidiárias do setor moderno nas economias emergentes, as atividades informais têm, no entanto, sua dinâmica, que pode, (ou não) estar vinculada aos ritmos e às transformações que se verificam no componente formal da economia como tem sido amplamente demonstrado, existem vínculos e interdependências entre vários segmentos dos setores formal e informal das economias em desenvolvimento. Em alguns casos, as atividades informais ocupam certos espaços que não interessam ou que as empresas formais, convenientemente, cedem às organizações pequenas e pouco estruturadas. Os avanços tecnológicos e a reestruturação produtiva verificadas na duas últimas décadas nas economias centrais do capitalismo mundial, e transferidas, em parte, às áreas periféricas, têm ensejado acomodações e ajustes típicos desse amplo segmento das economias dependentes chamado de setor informal. Essa dinâmica provoca o surgimento de novas atividades e de novos produtos, que, tendo origem ou parentesco com os serviços e as mercadorias lançadas nos mercados dos países ricos, terminam por se ajustar às características das economias menos desenvolvidas.

Três atividades do tipo acima descrito, que vêm se espalhando pelo Recife, são as de vendedores de CDs e DVDs piratas, de propagandistas montados em bicicletas e de entregadores e distribuidores de revistas e panfletos. São três atividades que, pela sua natureza, apresentam, cada uma a seu modo, aspectos típicos das atividades informais. A venda de CDs e DVDs piratas dependem da tecnologia para a reprodução das mercadorias e, por se tratar de falsificação, atuam na ilegitimidade. Ou seja: além de informal, a atividade é ilegal e está permanentemente sob repressão e risco de perda total da mercadoria, caso haja apreensão. Os anúncios feitos através de alto-falantes instalados em bicicletas ampliam consideravelmente a área de veiculação de propaganda por parte das firmas anunciantes. Os entregadores de panfletos, da mesma forma, levam ao público alvo, onde quer que esteja, o material a ser distribuído.

Entre os trabalhadores entrevistados predominam os de sexo masculino (exceto entre os panfleteiros), os jovens (54,2% com até 24 anos de idade), nascidos e residentes em municípios da RMR. Vários não possuem documentos básicos, como: certidão de nascimento (10,3%); carteira de identidade (12,2%); CPF (19%); carteira de trabalho (23,8%) e título de eleitor (23,5%). A maioria (98,7%) sabe ler e escrever. Pouco mais da metade tem até 8 anos de estudo (o equivalente ao fundamental completo) e 41,5%

fez algum curso de qualificação. Residem em casas próprias, de alvenaria e rebocadas, as quais são servidas por rede de água e energia diretamente ligadas. A maior parte dos entrevistados indicou a posse de TV, geladeira, aparelho de DVD, celular e, em menor percentual, aparelho de som e bicicleta. As famílias são pequenas, pouco mais de um terço delas recebe transferências oriundas de programas públicos e 60,6% podem ser, segundo critério de renda, consideradas pobres.

Em relação à inserção no mercado de trabalho, a maioria (89,4%) ocupa apenas um posto de trabalho e, na maior parte dos casos, afirmaram ter pouco tempo de serviço nessa ocupação. Os entrevistados percebem rendimentos baixos, a renda mediana mensal é R\$300,00, estando situada abaixo do salário mínimo legal na ocasião da pesquisa (R\$415,00). Prevaecem trabalhadores sem carteira (59,4%) e por conta-própria (35,5%). A pesquisa revela percentuais muito baixos de contribuição previdenciária. Aponta, ainda, que a baixa adesão deve-se, especialmente, ao custo e o desconhecimento sobre as regras de acesso, bem como sobre os benefícios associados à Previdência Social. O ingresso na atividade se deu por meio de indicação de parentes/amigos ou por iniciativa própria. Neste sentido, a procura por trabalho se vale mais das redes sociais do que o recurso às instituições de intermediação de força de trabalho.

A ampla maioria dos entrevistados já possuía experiência anterior no mercado de trabalho, geralmente associada ao setor terciário da economia. No posto anterior, 70,5% dos trabalhadores possuíam vínculos identificados com a precariedade (em termos de proteção, remuneração e condições de trabalho): emprego sem carteira, trabalho autônomo e doméstico.

O início da vida produtiva ocorreu cedo, em média com 14 anos de idade. Para 20,2% dos entrevistados a iniciação ao trabalho ocorreu ainda mais cedo: entre 5 e dez anos de idade. Tal fato tende a comprometer a inserção futura no mercado de trabalho, uma vez que a preparação necessária para ocupação de melhores postos de trabalho será, no mínimo, reduzida.

Esse comprometimento pode ser visto a partir da análise sobre a trajetória ocupacional dos entrevistados. O trânsito significativo entre diferentes situações ocupacionais e entre momentos de trabalho e não-trabalho evidencia o quão é instável a inserção, dos trabalhadores estudados, no mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

CARDOSO JR., J. C. “Desestruturação do mercado de trabalho e limites do sistema público de emprego (SPE) no Brasil”. *Indicadores Econômicos FEE*, vol. 28, n.º 2, 2000.

DUARTE, R. *Migration and urban poverty in Northeast Brazil*. Tese de Ph.D. submetida à University of Glasgow (Escócia), março de 1979.

_____. “Heterogeneidade no setor informal: um estudo de microunidades produtivas em Aracaju e Teresina”. *Estudos Econômicos*. IPE/USP, v. 19, 1989.

GRELET, Y. ; MANSUY, M. “De la précarité de l’emploi à celle des trajectoires: une analyse de l’insertion en évolution”. *Formation Emploi*, nº 85, 2004.

GUIMARÃES NETO, L. *Introdução à formação econômica do Nordeste*. Recife: Editora Massangana, 1989.

GUIMARÃES, N. A. *O sistema de intermediação de empregos: um olhar sobre o mercado de trabalho em São Paulo*. São Paulo, Cebrab, 2004.

IBGE. *Pesquisa Mensal de emprego (PME)*. Junho, 2008.

LAUTIER, B; PEREIRA, J. M. “Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção na América Latina”. *Cadernos do CHR*, n.21, jul./dez., 1994.

MTE/DIEESE. *A cobertura do seguro-desemprego*. Brasília, MTE/DIEESE, 2007.

OIT. *Employment, income and equality: a strategy for increasing productive employment in Kenya*. Genebra, OIT, 1972.

SOCHACZEWSKI, S. “Alguns equívocos do senso comum sobre o trabalho de crianças”. In: IPEA, *Mercado de Trabalho: conjuntura e análise*. Brasília, IPEA, 1998.

SORIA-SILVA, S. “Sindicato, profesión y trabajo en el capitalismo”. *Jornadas de Economía Crítica*, Barcelona, 2006.

VENCO, S. B. *Tempos moderníssimos nas engrenagens do telemarketing*. Tese de Doutorado, Unicamp, 2006.

VILELA, L. V. O.; ASSUNÇÃO, A. A. “Os mecanismos de controle da atividade no setor de teleatendimento e as queixas de cansaço e esgotamento dos trabalhadores”. *Cadernos de Saúde Pública*. n.º 20, 4, jul./ago., 2004.

ZUBIRI-REY, J. B. “Trayectorias sociolaborales: introducción metodológica a las técnicas longitudinales en economía del trabajo”. *XI Jornadas de Economía Crítica*, 2008.